

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE JORNALISMO

DANIELLE DELLA PASSE DA SILVEIRA

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO TELEJORNALISMO ESPORTIVO  
DO RIO GRANDE DO SUL**

Porto Alegre

2017

DANIELLE DELLA PASSE DA SILVEIRA

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO TELEJORNALISMO ESPORTIVO  
DO RIO GRANDE DO SUL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção de grau de Bacharela em Jornalismo pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra de Fátima Batista de Deus

Porto Alegre

2017

Danielle Della Passe da Silveira

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO TELEJORNALISMO ESPORTIVO  
DO RIO GRANDE DO SUL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção de grau de Bacharela em Jornalismo pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra de Fátima Batista de Deus

Aprovado em \_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2017

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Sandra de Fátima Batista de Deus – UFRGS

Orientadora

---

Ms. Tatiana Marques da Silva Parenti Filha – UFRGS

Avaliadora

---

Ms. Vanessa Nesbeda da Silva Gil – UFRGS

Avaliadora

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todas as mulheres da história que protagonizaram a luta pela garantia de tantos direitos que hoje obtemos. Assim como as que lutam diariamente, ocupando espaços e resistindo, para que possamos viver em um mundo com cada vez mais equidade de gêneros.

Obrigada a todas as jornalistas esportivas que superaram obstáculos e auxiliam a construir a representatividade feminina neste meio, inspirando e tornando possível a realização deste trabalho. À minha orientadora, Sandra de Deus, que é uma pessoa incrível pela qual eu tenho muita admiração e me ajudou muito com esta pesquisa.

Muito obrigada à minha família, que sempre me motivou a seguir meus sonhos, aos meus amigos, por todos os bons momentos que me proporcionam, tornando a vida mais leve e alegre. Agradeço a meu pai Célio da Silveira por ser o melhor pai do mundo, sem ele eu nada seria. À minha irmã Camila Américo, pelo exemplo que é para mim, e meu irmãozinho Antônio, por toda a alegria que me propicia. Por fim, à mulher mais importante da minha vida, minha mãe Rosane Della Passe, que me apoiou em cada momento e serviu de inspiração para a construção de quem sou hoje.

*“Que nada nos defina, que nada nos sujeite. Que a liberdade seja a nossa própria substância,  
já que viver é ser livre.”*

Simone de Beauvoir

## RESUMO

Este trabalho pretende mostrar qual a representação feminina nos programas esportivos televisivos do Rio Grande do Sul através da análise dos quatro principais programas esportivos de televisão aberta, que são o Globo Esporte RS, Os Donos da Bola RS, SBT Esporte e Balanço na Rede. Foram selecionados os programas de 06 a 22 de novembro e analisados de forma a comparar a participação feminina e masculina nas respectivas funções realizadas em cada programa. A base teórica traz uma perspectiva histórica da mulher na sociedade, nos esportes e no mercado de trabalho jornalístico e esportivo, assim como do desenvolvimento da editoria de esportes no Brasil. As considerações finais apontam para um crescimento da participação feminina no jornalismo esportivo, entretanto, principalmente na televisão, essa participação ainda ocorre de maneira superficial.

**Palavras-chave:** Jornalismo Esportivo. Mulher. Gênero. Televisão.

## **ABSTRACT**

This work intends to show the female representation in the sports programs of Rio Grande do Sul through the analysis of the four main sports programs of open television, which are Globo Esporte RS, Os Donos da Bola RS, SBT Esporte and Balanço na Rede. The programs were selected from November 06 to 22 and analyzed in order to compare the participation of women and men in the respective functions performed in each program. Theoretical basis brings a historical perspective of women in society, in sports and in the journalistic and sports job market, as well as in the development of sports editorial office in Brazil. The final considerations point to a growth of female participation in sports journalism, however, especially in television, this participation still occurs superficially.

**Keywords:** Sports Journalism. Woman. Genre. TV.

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – GLOBO ESPORTE RS 06/11/17.....	48
TABELA 2 – GLOBO ESPORTE RS 07/11/17.....	49
TABELA 3 – GLOBO ESPORTE RS 08/11/17.....	50
TABELA 4 – GLOBO ESPORTE RS 09/11/17.....	51
TABELA 5 – GLOBO ESPORTE RS 10/11/17.....	52
TABELA 6 – OS DONOS DA BOLA RS 06/11/17.....	53
TABELA 7 – OS DONOS DA BOLA RS 07/11/17.....	55
TABELA 8 – OS DONOS DA BOLA RS 08/11/17.....	56
TABELA 9 – OS DONOS DA BOLA RS 09/11/17.....	57
TABELA 10 – OS DONOS DA BOLA RS 10/11/17.....	58
TABELA 11 – SBT ESPORTE 06/11/17.....	59
TABELA 12 – SBT ESPORTE 07/11/17.....	60
TABELA 13 – SBT ESPORTE 08/11/17.....	61
TABELA 14 – SBT ESPORTE 10/11/17.....	61
TABELA 15 – BALANÇO NA REDE 06/11/17.....	62
TABELA 16 – BALANÇO NA REDE 07/11/17.....	63
TABELA 17 – BALANÇO NA REDE 08/11/17.....	64
TABELA 18 – BALANÇO NA REDE 09/11/17.....	64
TABELA 19 – BALANÇO NA REDE 10/11/17.....	65
TABELA 20 – MATÉRIAS.....	66
TABELA 21 – BOLETINS.....	66
TABELA 22 – ENTREVISTAS.....	67
TABELA 23 – NOTAS COBERTAS.....	67
TABELA 24 – APRESENTAÇÃO.....	68
TABELA 25 – PARTICIPAÇÃO FEMININA.....	69



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 A MULHER E AS CONSTRUÇÕES DE GÊNERO, SOCIAIS E CULTURAIS.....</b>	<b>13</b>
<b>3 MULHER NO JORNALISMO.....</b>	<b>19</b>
<b>4 JORNALISMO ESPORTIVO NO BRASIL.....</b>	<b>23</b>
4.1 Mulher no Esporte e no Jornalismo Esportivo.....	31
<b>5 MULHER NO TELEJORNALISMO ESPORTIVO DO RIO GRANDE DO SUL.....</b>	<b>40</b>
<b>6 A PRESENÇA FEMININA NOS PROGRAMAS ESPORTIVOS TELEVISIVOS DO RIO GRANDE DO SUL.....</b>	<b>44</b>
6.1 Percurso Metodológico.....	44
6.2 Globo Esporte RS.....	47
6.3 Os Donos da Bola RS.....	52
6.4 SBT Esporte.....	58
6.5 Balanço na Rede.....	62
6.6 O espaço ocupado pelas mulheres nos programas esportivos televisivos do Rio Grande do Sul.....	65
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>70</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Em um cenário onde a participação da mulher no jornalismo esportivo aumenta gradualmente, pretendo investigar qual o espaço da jornalista esportiva na televisão, e em quais situações essas mulheres se encontram para realizar seu trabalho jornalístico.

A presença feminina em programas esportivos ganhou destaque ao longo do tempo. Apesar de ainda ser um setor predominantemente masculino, cada vez mais mulheres têm participado, comentado e até comandado programas do gênero. Com a grande visibilidade feminina alcançada, também surgiram alguns tabus e preconceitos acerca da capacidade da mulher para tratar de tal tema.

A partir deste fator, surge a necessidade de identificar se os lugares onde as atuais jornalistas esportivas do Rio Grande do Sul se encontram realmente simbolizam um aumento significativo da participação das profissionais, ou se estes espaços ainda são resultado de uma representação baseada em estereótipos de gênero.

Valendo-se do fato de que a editoria de esportes tem uma grande importância em qualquer meio de comunicação e que este, por sua vez, desempenha um papel essencial na construção e manutenção das representações sociais, é imprescindível compreender o atual papel da mulher neste ambiente, uma vez que o mesmo determina a forma como ela é vista na sociedade.

Desta forma, identificar, através de uma pesquisa teórico-prática, como as jornalistas esportivas atuam neste âmbito, como representam e se sentem representadas através dos meios de comunicação, tem relevância tanto para a área acadêmica, no campo da comunicação, como para a sociedade.

Para este estudo, foram escolhidos para análise os programas Globo Esporte RS, da RBS TV, Os Donos da Bola RS, da Band TV, SBT Esporte, do SBT RS, e, finalmente, o Balanço na Rede, da Record TV. A escolha destes programas se justifica pela abrangência das emissoras no estado, além das produções dos mesmos serem realizadas por equipes gaúchas, e transmitidas por canais de televisão aberta.

Para análise, foi considerada a participação da mulher nas principais funções exercidas na veiculação dos programas, como a apresentação, a realização de

reportagens, entrevistas, notas cobertas<sup>1</sup>, boletins<sup>2</sup> e comentários. Deste modo, para investigação, é feito um comparativo entre a participação dos homens e mulheres nestas funções, considerando cada atuação, a quantidade de vezes em que cada um aparece nos programas estudados e em qual ocupação.

Para melhor entendimento, o presente estudo foi dividido em 7 capítulos contando a introdução: A Mulher e as Construções de Gênero, Sociais e Culturais; Mulher no Jornalismo; Jornalismo Esportivo no Brasil; Mulher no Telejornalismo Esportivo do Rio Grande do Sul; A Presença Feminina nos Programas Esportivos Televisivos do Rio Grande do Sul; e Considerações Finais.

. O segundo capítulo, sobre a mulher e as construções de gênero, sociais e culturais, procura trazer um esboço histórico sobre o movimento das mulheres ao longo dos anos em busca de maiores direitos e igualdade. A luta feminista existia antes mesmo do nascimento de Cristo, e perdura até hoje. Diversos progressos foram registrados no Brasil e no mundo, entretanto, ainda existem muitas desigualdades de gênero, principalmente no universo do trabalho. Pesquisas atuais demonstram que as mulheres ainda recebem menores salários e ocupam cargos de menor representatividade do que os homens. Todavia, esta diferença tende a diminuir gradativamente, com a ocupação feminina constante de cada vez mais espaços em todos os campos sociais.

O terceiro capítulo, sobre a mulher no jornalismo, aborda a inserção feminina neste mercado de trabalho. A necessidade de alfabetização da mulher, que surgiu devido à mesma ser responsável pela educação dos filhos, culminou no surgimento de diversas escritoras literárias, tendo contos publicados em jornais. Deste modo, alguns jornais e periódicos escritos e produzidos por mulheres começaram a surgir, dando-lhes mais destaque na sociedade, e permitindo que as mesmas obtivessem um espaço onde podiam reivindicar seus direitos. O ingresso das mulheres nas redações aumentou gradativamente, assim como a ocupação de editorias antes consideradas de áreas masculinas, como economia, política e esporte. O surgimento de faculdades especializadas e da televisão contribuiu ainda mais para a inserção definitiva da mulher no jornalismo.

---

<sup>1</sup> Termo do jornalismo televisivo que se refere a imagens que ilustram a narração do jornalista sobre determinada notícia. Pode ser gravada ou ao vivo.

<sup>2</sup> Gravação onde aparece apenas o repórter dando informações de forma resumida. Também pode ser chamado de Stand-up.

O quarto capítulo, sobre o jornalismo esportivo no Brasil, traz uma perspectiva histórica do surgimento e desenvolvimento da editoria de esportes no país. O segmento surgiu carregado de desprestígio, uma vez que os chefes de redação não cediam espaço para este conteúdo, pois acreditavam que o esporte só interessava ao público com menor poder aquisitivo. Ao longo dos anos, com a popularização do esporte, principalmente o futebol, a editoria foi se solidificando. Alguns jornalistas realizaram grandes mudanças, como a tradução de termos em inglês, auxiliando a transformar a editoria no sucesso que conhecemos hoje. Periódicos impressos foram os primeiros a se especializar em esportes. Após, a modernização do jornalismo e o surgimento do rádio e da televisão decretaram a popularização e estabilização definitiva da editoria no país. O capítulo também explica sobre os formatos dos programas esportivos de televisão, assim como as principais diferenças destes programas entre as emissoras. Há ainda um subcapítulo que informa sobre a inserção da mulher no esporte e no jornalismo esportivo. Onde são abordados o começo da prática de esportes pelas mulheres, os acontecimentos históricos realizados pelas atletas, bem como os marcos realizados pelas primeiras mulheres que atuaram no meio esportivo.

O quinto capítulo, que aborda a mulher no telejornalismo esportivo do Rio Grande do Sul, expressa sobre as principais jornalistas esportivas do estado gaúcho e suas experiências. Igualmente, é tratado a respeito de casos de preconceito enfrentados pelas profissionais do estado. O capítulo também inclui as entrevistas realizadas com Quetelin Rodrigues, produtora e editora de texto do Globo Esporte RS, Yasmine Santos, repórter do Balanço na Rede, e Rebecca Rosa, auxiliar de produção do programa Os Donos da Bola RS.

O sexto capítulo, onde realizo a análise dos programas destacados anteriormente, disserta brevemente sobre a origem destes programas, e expõe a presença feminina nos mesmos, bem como sua participação em determinadas funções. A metodologia adotada estabelece um comparativo entre as participações feminina e masculina, de modo a revelar a atual representação das mulheres através da porcentagem de vezes em que aparecem e em qual posição. Para melhor organização do conteúdo, cada programa foi dividido em um subcapítulo, assim como a análise geral.

## 2. A MULHER E AS CONSTRUÇÕES DE GÊNERO, SOCIAIS E CULTURAIS

O movimento de mulheres no decorrer do tempo manteve como principal objetivo a igualdade de direitos entre homens e mulheres. Objetivo este que se reproduz em uma série de pautas mais específicas de mulheres, como, por exemplo, autonomia financeira, equiparação salarial no mundo do trabalho, direito ao voto, direitos reprodutivos, entre outros.

O movimento feminista, ao longo da história, se construiu a partir de mulheres que se rebelaram contra a sua condição, lutando por liberdade. Essas lutas, em grande parte das vezes, custaram a vida destas mulheres.

Mesmo anos antes de Cristo, já havia mulheres batalhando e sendo repreendidas em função de seu gênero. Segundo Alves e Pitanguy (1991), a primeira manifestação contra distinção de gênero, ocorreu no ano de 195 a.C, com protestos de mulheres no Senado Romano contra sua exclusão no uso dos transportes públicos.

O movimento da Inquisição, caça às bruxas promovida pela Igreja Católica que aconteceu na Europa e nas Américas da Idade Média até o início do Renascimento, no século XVI, foi um genocídio que afetou, sobretudo, as mulheres, que, conforme Alves e Pitanguy (1991), foi diretamente relacionado contra o sexo feminino.

Uma das primeiras vozes da revolução feminina registrada pela história americana é a de Ann Hutchinson. Ela contrariava a superioridade masculina, afirmando que os homens e mulheres foram criados por Deus em condição de igualdade. Ann foi acusada por atitudes impróprias para o seu sexo, e condenada ao banimento em 1637 (ALVES e PITANGUY, 1991).

De acordo com Céli Pinto (2010), o feminismo pode ser compreendido a partir de duas vertentes: da ação, a história do feminismo, e da teoria, que são as produções teóricas feministas nas áreas de História, Ciências Sociais, Crítica Literária e Psicanálise. Por ter desenvolvido, concomitantemente, essas duas vertentes, o tipo social de militantes, na segunda metade do século XX, foi marcado por mulheres de classe média. Desta forma, as demandas e embates feministas não contemplaram as mulheres não pertencentes a estas especificidades.

As revoluções burguesas que determinaram o fim do regime feudal nos Estados Unidos e Europa, nos fins do século XVIII e XIX, criaram ideais

democráticos de liberdade, igualdade e fraternidade que inspiraram a primeira onda do movimento feminista, popularmente também conhecida pelo movimento das sufragistas, já que a prioridade era o direito ao voto (SOUZA, 2009). As mulheres queriam votar para poder garantir uma legislação que não cometesse as injustiças há tanto sofridas por elas.

No entanto, de acordo com Souza (2009), apesar de serem subordinadas durante o regime feudal, o trabalho da mulher era importante para o desenvolvimento econômico, e a dependência da família em relação a ela lhe dava respectiva força e importância. Mas “Quando o trabalho passou a ser compreendido como uma atividade realizada por homens fora de casa e em troca de um salário, o trabalho doméstico das mulheres decresceu em valor.” (SOUZA, 2009, p.3).

Mesmo assim, algumas mulheres já trabalhavam fora de casa, sendo sustentadas por associações de trabalhos e sindicatos, que as mantinham sem qualificações profissionais, e eram limitadas aos mais baixos níveis no mercado. O trabalho fora do lar era inevitável para as mulheres pobres, que tinham a necessidade de se sustentar, independentemente do seu estado civil, enfrentando a moral da época, onde estas não eram livres para andar pelo espaço público. Por conseguinte, novas vertentes feministas surgiram, para que mulheres pudessem lutar por direitos que lhes eram mais representativos, como o direito ao ensino e ao digno exercício de uma profissão.

No Brasil, o movimento feminista também teve início com a luta pelo direito ao voto, na década de 1910. Bertha Lutz, uma das líderes do movimento, foi também:

uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, organização que fez campanha pública pelo voto, tendo inclusive levado, em 1927, um abaixo-assinado ao Senado, pedindo a aprovação do Projeto de Lei, de autoria do Senador Juvenal Larmartine, que dava o direito de voto às mulheres (PINTO, 2010, p.16).

A professora Deolinda Daltro também foi uma liderança muito importante neste movimento, fundando, em 1910, O Partido Republicano Feminino. Deolinda tinha o objetivo de trazer o voto feminino à discussão no Congresso Nacional (ALVES e PITANGUY, 1991).

Após duas décadas de luta, em 1932, o direito ao voto foi conquistado pelas mulheres, sendo promulgado, pelo então presidente Getúlio Vargas, o novo Código Eleitoral Brasileiro. Além disto, neste mesmo ano, pela primeira vez uma brasileira participou das Olimpíadas, feito realizado pela nadadora Maria Lenk (FARIAS,

2014). Outro movimento significativo nesta mesma época é o das operárias, que, através da “União das Costureiras, Chapeleiras, e Classes Anexas”, reivindicavam por melhores direitos nas fábricas e oficinas.

Em 1941, na tentativa de conter os avanços conquistados pelas mulheres na emancipação feminina, o governo brasileiro transformou alguns esportes em áreas reservadas para o sexo masculino, proibindo as mulheres de praticarem diversas modalidades (FARIAS, 2014). Esta estratégia adotada pelo governo na época, fundamental para a manutenção das relações de poder entre os gêneros, gerou diversas reações. Entre elas, a mobilização para uma ampliação de uma consciência de gênero entre as atletas brasileiras.

Conforme Farias (2014), esta repressão imposta culminou na permanência dos estigmas sofridos pelas mulheres até hoje em determinadas modalidades esportivas, principalmente no futebol. Nesta época, segundo Céli Pinto (2010), as mulheres foram marcadas por um livro de Simone de Beauvoir, filósofa, feminista e escritora francesa. O livro "O segundo sexo", publicado em 1949, influenciou a nova onda feminista, estabelecendo uma das máximas no feminismo: “não se nasce mulher, se torna mulher”.

A partir de diversos acontecimentos ocorridos em todo o mundo, inicia-se uma segunda fase do movimento. Nos anos 1960, o feminismo começa a pensar nas relações de poder entre homens e mulheres. Estabeleceu-se um movimento libertário, que luta não só por direitos de espaço no trabalho e na educação, mas por autonomia e liberdade para tomar decisões sobre a própria vida e o próprio corpo.

As manifestações feministas no Brasil na década de 1970 foram muito limitadas, devido às condições vividas pelo país em decorrência do regime militar. Céli Pinto (2010) afirma que “o regime militar via com grande desconfiança qualquer manifestação de feministas, por entendê-las como política e moralmente perigosas”.

De acordo com Souza (2009), ainda em 1970, 80% das mulheres brancas acreditavam que era muito mais adequado que a mulher permanecesse em casa, enquanto o homem garantisse o sustento da família. Sete anos mais tarde, a porcentagem que ainda compartilhava dessa opinião reduziu para 50%.

Este fator dificultou, ainda mais, o movimento. Nos anos 1980, com a redemocratização do país, o feminismo inicia uma fase entusiástica na luta pelo direito das mulheres. Diversos grupos e coletivos de diferentes regiões tratavam de temas específicos como violência, sexualidade, direito ao trabalho, luta pelo racismo,

aborto, etc. Muitas vezes, estes grupos se aproximavam de movimentos populares de mulheres, de bairros pobres e favelas, que reivindicavam por direitos como educação, saneamento básico, habitação e saúde.

Para Céli Pinto, este encontro de movimentos foi importante para os dois lados: “o movimento feminista brasileiro, apesar de ter origens na classe média intelectualizada, teve uma interface com as classes populares, o que provocou novas percepções, discursos e ações em ambos os lados.” (PINTO, 2010, p.17). A criação do Conselho Nacional da Condição da Mulher (CNDM) foi uma vitória muito significativa no feminismo, uma vez que conseguiu incluir, na Constituição de 1988, diversos direitos das mulheres.

No meio esportivo, mais um avanço: ainda em 1979, o Brasil anunciou o fim das restrições para a prática esportiva pelas mulheres, no contexto de abertura política no país (FARIAS, 2014).

A partir da década de 1980, o movimento feminista, de modo geral, passou por um processo de profissionalização. Com a criação de Organizações Não-Governamentais, passou-se cobrar mais do Estado, com o objetivo de garantir medidas protetoras e angariar espaço da participação feminina na política. Nesta época, uma das questões centrais no feminismo era a violência, principalmente a violência doméstica. No início dos anos 1990, as mulheres definem a proposta de conquista dos espaços sociais e passam a desejar ter os mesmos direitos, oportunidades e reconhecimentos dos homens. Estabeleceu-se então a criação de diversas Delegacias da Mulher, além da Lei Maria da Penha, criada em 2006, para agir na coibição da violência doméstica e familiar contra a mulher.

Diversas teorias e grandes embates feministas perpassam a história do feminismo no Brasil e no mundo. Atualmente, a pauta diverge cada vez mais, de modo que contemple as diferentes demandas e vivências de cada mulher. As variadas vertentes, então, surgem para que seja possível aderir à pauta feminista, as múltiplas experiências individuais das mulheres, que, agregadas num eixo central, constituem uma luta comum.

A partir de Scott, Matos (2006, p.14) afirma que o conceito de gênero é socialmente construído, e não natural:

O conceito de gênero repousa sobre a relação fundamental entre duas proposições: gênero tanto é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos quanto uma maneira primária de significar relações de poder (SCOTT, 1988, p.141).



Historicamente, as relações sociais e de poder são definidas através da diferença entre os sexos. Esta disparidade se revela quando a mulher assume um papel tradicionalmente masculino, sobretudo no mercado de trabalho. Até hoje, há uma grande diferença entre o número de mulheres e homens em cargos de poder<sup>3</sup>.

Na área do jornalismo não é diferente. De acordo com Alex Criado (2000, p. 13-14), no jornal *O Estado de São Paulo*, em 2000, de 338 jornalistas, 148 eram mulheres, um total de 44% de parcela feminina nas redações. No entanto, apenas 9% destas jornalistas ocupavam cargos de chefia. Além disto, no jornal *Gazeta Mercantil*, onde praticamente metade da redação era formada por mulheres, somente 5% delas se encontravam nos postos de chefia.

No Rio Grande do Sul, de acordo com uma pesquisa divulgada pela Federação de Economia e Estatística (FEE) em 2014, as mulheres da região metropolitana de Porto Alegre recebem 24,6% menos que os homens. A pesquisa também informou essa desvantagem se mantém em todas as faixas educacionais, embora a diferença tenha sido reduzida desde os anos 2000<sup>4</sup>.

Com o decorrer do tempo e as constantes reivindicações femininas em busca de oportunidade e reconhecimento, esta diferença diminuiu, porém, ela ainda existe, assim como o preconceito de gênero.

De acordo com o The Global Gender Gap Report<sup>5</sup>, no ano de 2017, a desigualdade entre homens e mulheres aumentou, registrando o primeiro recuo desde o início da pesquisa, em 2006. O relatório, que enquadra 114 países, relata o progresso em relação à paridade de gêneros em 4 temas: saúde e sobrevivência, realização educacional, participação e oportunidade econômica e empoderamento político.

De acordo com a pesquisa, neste ano, o Brasil caiu 11 posições no ranking de igualdade de gênero, ocupando o 90º lugar. O Fórum Econômico Mundial fez

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/mulheres-estao-em-apenas-37-dos-cargos-de-chefia-nas-empresas-21013908>>. Acesso em: 27 out. 2017.

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/03/salario-das-mulheres-e-246-inferior-ao-dos-homens-em-porto-alegre.html>>. Acesso em: 27 out. 2017.

<sup>5</sup> Pesquisa sobre a desigualdade entre homens e mulheres no mundo, medida pelo Fórum Econômico Mundial (WEF) desde 2006. Disponível em: <<http://reports.weforum.org/global-gender-gap-report-2017/>>. Acesso em: 01 dez. 2017.

projeções baseadas na pesquisa relatando que, neste ritmo, somente em mais de cem anos as diferenças de gêneros serão superadas no mundo<sup>6</sup>.

No entanto, mesmo não sendo com as condições julgadas ideais, hoje é cada vez mais comum ver mulheres ocupando espaços que antes eram destinados somente aos homens. Como, por exemplo, o mercado de trabalho jornalístico.

---

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/indice-de-igualdade-de-genero-no-mundo-registra-primeira-queda-em-11-anos-22023937>>. Acesso em: 01 dez. 2017.

### 3. MULHER NO JORNALISMO

A década de 1970 foi marcada pela ascensão da mulher no mercado de trabalho jornalístico. De acordo com Righi (2006, p.24), “Nas últimas décadas do século XIX, a modernização da sociedade brasileira apontava para a necessidade de educar as mulheres”, pois como eram mães, necessitavam educar seus filhos e auxiliarem na construção da sua cidadania.

Depois de terem acesso à leitura e, conseqüentemente, o aprendizado da escrita, as mulheres começaram a ganhar destaque na sociedade brasileira. Diversas escritoras literárias começaram a surgir, tendo seus contos publicados nos jornais. A partir disto, são lançados jornais e periódicos produzidos e desenvolvidos por mulheres:

Jornais como o *Sexo Feminino*, lançado no Rio de Janeiro em 1879, e os periódicos o *Escrínio* e o *Corymbo*, fundados pelas irmãs Revocata Heloisa de Melo e Julieta de Melo Monteiro, publicado na década de 1880, no Rio Grande do Sul, traziam poesias, contos e peças teatrais, nas suas edições. Oito anos depois surge em São Paulo o periódico *A Família*, lançado por Josefina Álvares de Azevedo (RIGHI, 2006, p.24).

O meio impresso passou a se tornar um importante espaço onde as mulheres podiam reivindicar seus direitos e publicar suas ideias. A partir disto, diversos outros veículos passaram a surgir no Brasil e auxiliar na construção de uma representatividade feminina na sociedade.

Embora o jornalismo feminino tenha se desenvolvido principalmente em decorrência da busca pela igualdade de direitos, através de lutas sociais e políticas, o trabalho das mulheres na redação era fundamentado em áreas apolíticas. Conforme Righi (2006), o talento feminino no jornalismo não era reconhecido, e o aumento da sua inclusão nas redações era devido à sua mão de obra barata. Portanto, apesar de incluídas na imprensa, elas ainda se viam condicionadas a imposições sociais.

Assim como no mercado de trabalho, onde as mulheres ainda eram aceitas apenas em áreas julgadas femininas, como professoras, telefonistas, secretárias, entre outras, no jornalismo, mesmo após estarem inseridas na redação, as mulheres ainda eram limitadas a áreas como moda, educação, família, cozinha e filhos. Já as demais editorias, como economia, política e esporte, eram destinadas aos homens

(KUNCZIK, 2002). As distinções entre os papéis femininos e masculinos ainda eram muito nítidas até os anos 1950 no Brasil.

De acordo com Righi (2006), as mudanças na hierarquia social começaram após o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho, bem como do crescimento de vagas ofertadas. Desta forma, elas passaram a se interessar e se qualificar em diferentes áreas, adquirindo mais conhecimento na busca por vagas mais conceituadas.

A legitimação do trabalho feminino e o acesso à profissionalização teve início nos anos 1960, principalmente com a criação dos primeiros cursos superiores de jornalismo no país (SOUZA, 2009).

A partir dos anos 1970, com o aumento da escolaridade feminina, as redações foram tomadas por um grande número de mulheres, que estavam inseridas também em outras editorias, pois o público feminino leitor também havia mudado e passado a se interessar em conteúdos como economia, política, ou esporte. Áreas até então consideradas de domínio masculino.

Dados do Ministério do Trabalho nos anos 2000 apontam que o crescimento das mulheres jornalistas com carteira assinada entre os anos de 1986 até 1999 foi de 40,75%, enquanto os homens desta categoria cresceram um equivalente a 0,33%.

A partir de então, as mulheres começaram a ingressar cada vez mais nessas novas editorias, adquirindo prestígio em diferentes meios de comunicação, mas, principalmente, nos veículos de televisão, como aponta Righi:

Os anos 80 e 90 foram marcados pela descoberta feminina por essas novas editorias, as mulheres tornaram-se capazes de escrever, relatar ou informar sobre qualquer assunto. Com a televisão, a profissão de jornalista alcançou um aumento de prestígio, fato devido ao uso da imagem dos profissionais. E por causa da visibilidade atingida, um novo mercado jornalístico surgiu para as mulheres, que atraíam audiência através da beleza (RIGHI, 2006, p.27).

O início das transmissões televisivas trouxe uma nova exposição do jornalista, apresentando não apenas sua voz ou palavras, mas sua imagem. Essa visibilidade fez com que, em pouco tempo, os empresários do meio televisivo percebessem que pessoas que refletissem um ideal de beleza na sociedade atrairiam mais audiência. Deste modo, a inserção da mulher no jornalismo, principalmente televisivo, ocorreu de modo a favorecer os interesses do setor.

Em 2000, existiam 40 mil profissionais de jornalismo no Brasil, sendo estimado cerca da metade do sexo feminino. Souza (2009) afirma que, através de

uma pesquisa do Sindicato dos Jornalistas da Bahia, 40,3% das mulheres profissionais estão concentradas na imprensa escrita e em atividades extra redação, como consultoria, assessoria de imprensa e produção. Neste mesmo ano, o número de mulheres jornalistas com diploma era de 73,19%, enquanto os homens com curso superior representavam apenas 53,1%.

No entanto, mesmo atuando nas mais diversas áreas no jornalismo, até hoje, as mulheres são condicionadas pelo seu gênero. Seja exercendo cargos apenas representativos, ou recebendo salários diferentes por uma mesma função exercida.

De acordo com uma pesquisa realizada pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UFSC<sup>7</sup> em 2012, as mulheres jornalistas, principalmente mais jovens, recebiam um salário menor que dos homens. Sendo maioria em todas as faixas até cinco salários mínimos, e minoria naquelas cuja remuneração é superior a cinco salários mínimos.

Concomitantemente, a pesquisa afirma que, ao final de 2012, os jornalistas brasileiros eram majoritariamente mulheres, brancas, solteiras, com até 30 anos. Representando 64% do total dos profissionais desta área.

De acordo com Matos (2006), a mídia televisiva tem uma grande abrangência sobre o público brasileiro. A atividade da televisão, assim como dos profissionais que nela atuam, é diariamente absorvida pelos espectadores, explícita ou implicitamente. Os padrões de comportamento apresentados devem ser constantemente avaliados e discutidos, pois eles exercem grande influência sobre a população brasileira, em diferentes graus, dependendo da classe social e econômica de cada indivíduo.

Portanto, analisar a representação da mulher como profissional jornalista no meio televisivo é de suma importância, uma vez que:

As mulheres jornalistas carregam a interseção dos conflitos de serem mulheres e jornalistas na sociedade de hoje, com suas demandas de tempo, profissão, família, salário, imagem. E, apesar do grande número de mulheres no jornalismo hoje, não há uma cultura de discussão, entre os profissionais dessa área, sobre o processo de que é fruto essa realidade (MATOS, 2006, p. 9).

---

<sup>7</sup> Quem é o jornalista brasileiro? Perfil da profissão no país. Realização: Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UFSC, em convênio com a Federação Nacional dos Jornalistas – FENAJ. Apoio: Fórum Nacional de Professores de Jornalismo – FNPJ. Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJor.

Os meios de comunicação possuem significativa importância na construção e disseminação de valores, conceitos e morais da sociedade. Valores como o feminino e o masculino podem ser facilmente difundidos através das mídias, auxiliando no entendimento e no conhecimento das relações entre os gêneros, e gerando um consenso público a este respeito (SIMÕES, 2004).

De acordo com Simões (2004), a televisão, rádio, ou imprensa podem não criar diretamente as representações sociais, através do modo como estabelece os padrões de comportamento. Mas podem acelerar ou diminuir as mudanças destas representações da sociedade.

#### 4. JORNALISMO ESPORTIVO NO BRASIL

A partir da segmentação dos diferentes públicos e suas necessidades de informações sobre variados campos sociais, surge o jornalismo especializado, trazendo mais profundidade e elaboração na cobertura de determinados assuntos, como o esporte, por exemplo.

##### O jornalismo especializado esportivo

se ocupa de diferentes temas e suas pautas em geral se constituem na cobertura dos mais variados eventos esportivos que vão desde competições mundiais como as Olimpíadas e Copas do Mundo a campeonatos, treinos e outros. Falam sobre as organizações que os promovem (comitês, federações esportivas, clubes, associações, grupos, etc...), as políticas públicas para a área, bem como noticia os principais fatos que ocorrem no setor (SOARES, 2009, p. 3).

A editoria esportiva surgiu no início do século XX, carregada de estigmas e desprestígio, pois os chefes de redação resistiam em ceder espaço para abordar o tema, pensando que somente as pessoas com menos poder aquisitivo seriam leitoras deste tipo de conteúdo. De acordo com Coelho (2004), nos primeiros anos do jornalismo esportivo, pouca gente acreditava que o esporte seria capaz de estampar manchetes, principalmente o futebol. Na época, a cobertura esportiva era importada e limitada a apresentar notícias do esporte inglês, principalmente o turfe e o remo, que eram mais populares.

Neste período, os jornalistas esportivos ainda não tinham uma linguagem característica própria, e muitos termos utilizados ainda eram originados do inglês, o que dificultava ainda mais a compreensão por parte dos leitores, concomitantemente a popularização da editoria (RIGHI, 2006).

Porém, ao longo dos anos, esta editoria foi se solidificando e o futebol foi se popularizando, tornando-se cada vez mais o eixo central da comunicação esportiva. Nomes como Mário Filho e Nelson Rodrigues foram os responsáveis por grandes mudanças na mídia esportiva.

As primeiras alterações que Mário Filho realizou neste meio, segundo Righi (2006) foram as traduções dos termos ingleses, com o objetivo de facilitar a compreensão dos jogos e a sua divulgação. O jornalista inovou o estilo de narração, construindo uma linguagem que visava atingir não somente o público da elite, mas toda a população. Essas mudanças foram introduzidas em meados dos anos 1930, através do primeiro jornal especializado em esportes, o *Jornal dos Sports*, que

continha informações sobre futebol, remo, e diversas outras modalidades. Segundo Righi (2006) “Muitas informações sobre a origem dos esportes brasileiros são resultados da cobertura jornalística de jornais impressos desse período.” (RIGHI, 2006, p. 8). Assim como o jornal *Fanfulla*, de 1910, um dos primeiros a dedicar algumas páginas à divulgação esportiva, e que se tornou um dos principais registros sobre o Palestra Itália, atual Palmeiras, auxiliando na preservação da história do clube e dos imigrantes italianos na capital paulista (COELHO, 2004).

A partir dos anos 1960 e 1970, percebendo o aparecimento de um número cada vez maior de modalidades, bem como de pessoas interessadas neste setor, os meios de comunicação começaram a investir nesta nova área do jornalismo, e o esporte passou a ter espaço próprio nas redações, no rádio e na televisão.

Ainda assim, mesmo com maior investimento no setor, a editoria de esportes não oferecia os melhores salários das grandes redações, pelo contrário, era a porta de entrada para os novatos que chegam ávidos de trabalho e crescimento profissional (COELHO, 2004).

Os cronistas também foram grandes influenciadores dos rumos que tomariam o jornalismo esportivo no Brasil. Seus modos de narrar e escrever os lances, utilizando a emoção, tornaram-se fatores determinantes no aumento da paixão nacional pelo esporte. Mesmo utilizando-se de metáforas, e não tendo como principal objetivo a veracidade das informações, as crônicas acabaram deixando características que predominaram por décadas, principalmente nos jornais impressos (RIGHI, 2006).

A implantação do rádio no país trouxe um novo meio de comunicação capaz de transmitir os acontecimentos e trazer os resultados das competições em tempo real. Nove anos após a primeira transmissão radiofônica realizada no Brasil, o esporte ganha espaço:

Foi em 19 de julho de 1931 que o primeiro jogo de futebol foi narrado no rádio brasileiro. Sintonizado pelos ouvintes através da Rádio Sociedade Educadora Paulista, o jogo foi disputado entre as seleções de São Paulo e Paraná e chegou ao ar pela voz de Nicolau Tuma. Já no Rio Grande do Sul a primeira partida a ser transmitida na íntegra pelo rádio foi Grêmio contra a seleção do Paraná, que ocorreu em 19 de novembro do mesmo ano, narrado por Ernani Ruschel, na Rádio Sociedade Gaúcha (RIGHI, 2006, p.10).

De acordo com Ribeiro (2007), as transmissões dos plantões esportivos eram realizadas através dos telefonemas dos repórteres que estavam em campo fazendo



a cobertura das partidas. Este formato, na época, foi considerado uma revolução realizada pelo programa *Esporte nas Antenas*.

A primeira narração esportiva para todo o país foi feita por Gagliano Neto, na Copa do Mundo de 1938, quando a Rádio Clube do Brasil transmitiu a partida que abriu a participação da Seleção Brasileira no Mundial da França: Brasil x Colômbia (COELHO, 2004).

Com as transmissões ao vivo realizadas pelo rádio, a disseminação do esporte começou a ocorrer. Mas foi apenas com a diminuição do custo dos aparelhos, que o rádio foi ingressar nos lares brasileiros, com narrações de partidas e informações do mundo esportivo.

Foi a partir da Copa do Mundo de 1958, com o grande título do Brasil, que o jornalismo esportivo começou a se especializar e a produzir um conteúdo mais elaborado, visto que necessitava agradar um público cada vez mais exigente. Deixando de apresentar um conteúdo mecanizado, as redações esportivas passam por um processo de humanização.

Coelho (2004) afirma que o Brasil, a partir da segunda metade dos anos 1960, entrou na lista dos países com imprensa esportiva de larga extensão, devido à grande quantidade de cadernos esportivos produzidos.

No entanto, a editoria necessitava estabelecer um estilo de linguagem para se tornar de fato humanizada. Para isto, estabeleceu algumas regras, como a apresentação de dados históricos, personagens, capacidade técnica, estratégias e escalações, além de utilizar o recurso da dramaticidade, abordando a vida pessoal dos personagens (CARVALHO in BOAS, 2005)<sup>8</sup>.

Segundo Soares (2009), a transmissões das televisões brasileiras tiveram início em 18 de setembro de 1950, com a estreia oficial da primeira emissora do país, a TV Tupi Difusora, em São Paulo, através do investimento de Assis Chateaubriand<sup>9</sup>.

De acordo com Ribeiro (2007), no primeiro dia de transmissão da TV brasileira, o esporte estava presente através do programa *Vídeo Esportivo*, apresentado por Aurélio Campos. O percussor dos programas de esportes diários

---

<sup>8</sup> BOAS, Sergio Vilas (org.). Formação e informação esportiva: jornalismo para iniciados e leigos. São Paulo: Summus, 2005.

<sup>9</sup> Dono dos Diários e Emissoras Associados, Chateaubriand possuía parte do mercado brasileiro de comunicação. Na fase áurea de seu empreendimento, chegou a possuir 36 emissoras de rádio, 34 jornais impressos e 18 canais de televisão (RIGHI, 2006, p.16).

aparecia de forma recatada. Imagens e notícias sobre o esporte eram apresentadas no telejornal *Imagens do Dia*.

A segunda emissora de televisão a ser criada no país foi a TV Paulista. Ribeiro (2007) afirma que a emissora montou uma equipe de jornalismo esportivo, assim como criou uma nova função nesta área, o repórter de campo, trazendo um diferencial para concorrer com a TV Tupi. O primeiro a ocupar este cargo foi o jornalista Silvio Luiz, hoje já consagrado na imprensa esportiva.

O primeiro programa dedicado exclusivamente ao esporte foi o *Mesa Redonda*, criado pela TV Record<sup>10</sup> em 1954, após um ano do lançamento da emissora, com apresentação de Raul Tabajara e Geraldo José de Almeida, vindo a se tornar, mais tarde, uma das maiores audiências do jornalismo esportivo, transmitindo ao vivo partidas de futebol e informações sobre esporte. O programa seguia um modelo de apresentação que foi criado no rádio e implantado na televisão apenas com adaptação para o posicionamento das câmeras.

Em 1955, já existiam mais de cinco emissoras de televisão no Brasil, e o esporte começa a conquistar cada vez mais espaço e audiência nesse meio de comunicação (RIGHI, 2006), apesar da dificuldade de transmissão dos esportes, pois as coberturas eram externas aos estúdios, necessitando do transporte dos equipamentos e profissionais.

A TV Record também foi pioneira ao realizar a primeira transmissão externa, na partida entre Santos e Palmeiras, ocorrida na Vila Belmiro, em 1955. Por meio de investimentos em tecnologia, a emissora transmitiu imagens da partida para torcedores da capital paulista, tornando-se o principal canal de cobertura esportiva do país na década de 1950. Ainda segundo Righi (2006), em 1956, novos investimentos em tecnologia possibilitaram a realização de uma transmissão interestadual. Deste modo, o jogo entre a Seleção Brasileira e a Seleção da Inglaterra, disputado no Rio de Janeiro, pôde ser visto em São Paulo através das imagens de televisão.

A TV começou a se tornar um grande sucesso, principalmente no meio esportivo, pois além da narração, os espectadores podiam acompanhar a imagem, sendo possível identificar os times.

---

<sup>10</sup> A TV Record foi a terceira emissora a entrar no ar no Brasil, em 1953 (SOARES, 2009).

No início dos anos 1960, com o aumento da audiência e aparelhos de televisão nas casas brasileiras, o número de emissoras operando nas cidades mais importantes do país aumentou para quinze.

O primeiro programa esportivo em formato de debate mesa-redonda surgiu em 1963. Luiz Mendes foi quem teve a ideia desse formato, criando o *Grande Revista Esportiva*, que teve seu nome alterado para *Grande Resenha Facit*, após ser patrocinado pela empresa Facit, que fabricava máquinas de escrever. O programa apresentado pelo seu idealizador era transmitido pela TV Rio, e reunia grandes nomes da imprensa esportiva, como Armando Nogueira, Nelson Rodrigues e João Saldanha<sup>11</sup>.

Em 26 de abril de 1965 a TV Globo é fundada no Rio de Janeiro, transformando o modelo de programação das emissoras existentes. No entanto, somente a partir de 1970 que o canal passou a ganhar destaque e se consolidar no ramo, criando um padrão de qualidade para a televisão brasileira. Como informa Elias Cashmore:

Definiu-se um padrão novo para a televisão, profissionalizando as relações com as agências, instituindo a grade de programação, trabalhando com planejamento de programação, com apuro técnico, senso de detalhe e preocupação com o consumidor (CASHMORE, 1998, p. 7).

O primeiro programa esportivo da emissora surgiu em 1973, o *Esporte Espetacular*, apresentado semanalmente aos domingos. Cinco anos depois, em 1978, foi ao ar o telejornal diário *Globo Esporte*. Ambos os programas estão no ar até hoje.

A TV Globo adotou uma política de difusão da programação nacional, contando com diversas afiliadas pelo país, que incrementam características regionais próprias de cada estado alcançado pelo raio de transmissão. Um exemplo é o programa *Globo Esporte*, que garante um bloco produzido pelos diferentes estados, cada um com seus repórteres e apresentadores regionais, permitindo transmitir informações sobre os clubes de cada cidade sem a interferência na programação nacional (COELHO, 2004).

Em 1972, um grande marco para a televisão brasileira: a transmissão em cores. A responsável pela inauguração da TV com imagens coloridas foi a TV Difusora de Porto Alegre, durante a abertura da XII Festa da Uva, em Caxias do Sul

---

<sup>11</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/relembre-grande-resenha-facit-primeira-mesa-redonda-da-tv-de-1963-12752794>>. Acesso em: 24 out. 2017.

(XAVIER, 2000). A primeira partida de futebol transmitida em cores foi entre Caxias e Grêmio, pela TV Rio neste mesmo ano (RIBEIRO, 2007).

A partir da Copa do Mundo de Futebol em 1974, a televisão passou a ter ainda mais influência na população, uma vez que a transmissão em cores mudou o processo de audiência entre a televisão e o rádio (RIGHI, 2006).

A década de 1970 foi marcada pelos avanços tecnológicos televisivos, com equipamentos de transmissão externa, unidades móveis, câmeras mais leves, além de recursos essenciais para um estúdio.

Nos anos 1980 a primeira emissora brasileira, a Rede Tupi de Televisão, chega ao seu fim após passar por problemas financeiros e ser cassada pelo governo. Ao final desta década surge o Sistema Brasileiro de Televisão, o SBT, criado por Sílvio Santos. A emissora consolida-se na vice-liderança da audiência, caracterizada por sua linguagem popular (BERNDT, 2015).

Também nesta década as transmissões e coberturas esportivas têm uma grande expansão, como afirma Righi:

Campeonatos de futebol estrangeiros, como o italiano e o espanhol, começam a ser transmitidos pelas emissoras brasileiras. A televisão descobre novos esportes e formatos de programas, destinando um maior tempo para o assunto com a intenção de atingir, dessa forma, mais audiência e patrocinadores (RIGHI, 2006, p. 19).

A mídia televisiva encontrou no conteúdo esportivo o melhor meio para conquistar seu objetivo, que é a audiência. Com o crescimento do interesse por programações esportivas, as emissoras passaram a disputar os direitos de transmissão. Coelho (2004) afirma que a TV Bandeirantes, de 1986 a 1993, transmitiu os jogos do Campeonato Brasileiro de futebol com exclusividade, chegando a se intitular de “O canal dos esportes”. A partir do visível aumento de audiência do segmento, cada vez mais emissoras passaram a querer fazer parte deste meio.

No entanto, quanto a TV Globo decidiu investir de vez no meio esportivo, para não arriscar ser ultrapassada por outra concorrente, comprou, em 1988, os direitos de transmissão da Copa do Mundo por 220 milhões de dólares. Dominando a disputa entre as emissoras que divulgavam conteúdo esportivo (COELHO, 2004).

O processo de humanização do jornalismo começou a se intensificar, e o repórter passou a participar da matéria jornalística, indo a campo e participando do

esporte. Deste modo, conseguiu retratar mais veridicamente os sentimentos do atleta e as características do esporte.

Herodoto Barbeiro afirma que esta característica acabou se tornando parte da linguagem jornalística esportiva:

Hoje, a linguagem jornalística esportiva está bem caracterizada de veículo para veículo. Algumas TVs adotam o estilo de jornalista-personagem, em que a função não é só passar a informação, relatar o fato. É preciso 'viver' aquela emoção para o telespectador. O repórter faz rapel, escala montanhas, mergulha, desce corredeiras, luta, chora, sofre e vive até a última gota a emoção do esporte. Ele é tão protagonista quanto o atleta (BARBEIRO, 2006, p. 55).

De acordo com Righi (2006), a partir da década de 1990, os diversos canais especializados em esporte que foram criados, sendo pagos, através das televisões por assinatura, ou gratuitos, transformaram, cada vez mais, o futebol no carro-chefe do jornalismo esportivo.

Segundo Coelho (2004), a história das televisões por assinatura do Brasil teve início quando a TVA (atualmente ESPN Brasil) e a Globosat colocaram no ar suas programações, em 1991.

Os canais pagos trouxeram uma mudança na cobertura esportiva, até mesmo no próprio esporte. Além da adaptação dos repórteres e linguagem de vídeo, os esportes precisaram se adaptar para programação televisiva, conforme as necessidades da audiência. De acordo com Pereira (2002), diversas regras foram alteradas para atender adequadamente as programações. O automobilismo encurtou seus circuitos, o tênis criou o *tie break*<sup>12</sup>, o vôlei incomodou as emissoras, pois não era possível prever a duração das partidas, e o futebol, desde sua primeira transmissão ao vivo na Copa de 1970, foi aprendendo a jogar de acordo com as regras da TV.

O surgimento da internet no Brasil em 1995 trouxe mais um meio de comunicação para a divulgação do esporte. A internet se tornou um novo espaço com novos recursos para a utilização do jornalismo esportivo, sendo utilizada pelos veículos impressos, de rádio e televisão.

Entretanto, segundo Coelho (2004), foi em 1999 que a internet virou um fenômeno grandioso, passando a tirar alguns repórteres renomados do jornalismo esportivo dos outros meios de comunicação. No entanto, a euforia inicial dos portais

---

<sup>12</sup> Regra do tênis criada para desempatar uma partida. Disponível em: ><http://www.regrasdosesportes.com/blog/2017/03/21/tie-break-tenis/><. Acesso em: 10 dez. 2017.

online com o crescimento da internet passou a se tornar preocupação, quando os grandes anunciantes não demonstravam interesse no novo veículo, causando reações catastróficas nas redações dos veículos que apostavam nesse meio. A estabilidade no ramo chegou somente em 2002.

Coelho (2004) afirma que muitos profissionais perderam o emprego, assim como muitos ainda procuraram outros modos de voltar ao mercado de trabalho. “A volúpia com que a internet passou pelo mercado editorial do Brasil casou graves estragos para os jornalistas consagrados.” (COELHO, 2004, p. 62).

Atualmente, a televisão continua vendo o esporte como um meio lucrativo e contentor de audiência. As emissoras pagam valores elevados para garantirem exclusividade na transmissão de campeonatos e diversos programas esportivos surgem abrangendo cada vez mais uma gama diversificada de informações deste ramo.

Conforme Righi (2006), no Brasil já existem mais de 270 emissoras de televisão transmitindo imagens próprias, além de 2000 retransmissores. Nos canais pagos, são inúmeros programas com opções segmentadas. Os principais canais pagos com conteúdo esportivo que estão no ar no país são ESPN, Sportv, Foxsports, Bandsports, EiMaxx, Premiere FC, Combate e Canal Off.

Uma Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), realizada em 2013, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE), apontou que, neste ano, 97,2% das residências brasileiras possuíam um aparelho de televisão. Perdendo apenas para o fogão, que estava presente em 98,8% das casas do país.

A televisão leva a informação esportiva aos telespectadores através de programas de diversos formatos. De acordo com Souza (2004), eles podem ser classificados por gênero, categoria e formato. O gênero é a característica principal do programa, a categoria se divide entre informação, educação e entretenimento, e o formato são a forma, estilo, e o tipo de produção de um determinado programa. Os formatos dos programas esportivos podem ser encaixados nas três categorias, e também classificados em telejornal, documentário, ou debate.

De acordo com Righi (2006), o programa assume o formato de telejornal quando o apresentador se posta no estúdio e chama as reportagens e notícias ao vivo ou gravadas. Já no formato de documentário, as matérias são mais bem elaboradas, podendo apresentar os fatos com mais detalhes e profundidade. Porém, no esporte, o formato mais popular é o debate. Nele, diversos convidados,

comentaristas, especialistas, jogadores e entrevistados discutem determinados temas com a mediação do apresentador.

Para Souza (2004), as principais diferenças dos programas esportivos brasileiros são o tempo de duração e a quantidade de espaço que é destinado a determinadas modalidades esportivas:

Alguns programas o tratam com maior amplitude (Esporte Total, na Bandeirantes; Esporte Espetacular, na Globo) e conseguem abordar outras categorias esportivas – automobilismo, vôlei, basquete, tênis e provas de atletismo são os que mais aparecem no vídeo. Mas a categoria esportiva que permanece mais tempo no ar é o futebol, com jogos regionais e nacionais, e principalmente os amistosos e campeonatos dos quais a seleção brasileira participa (SOUZA, 2004, p.106).

Uma pesquisa realizada pelo Ibope em 2011<sup>13</sup> constatou que 72% dos brasileiros preferem buscar informações sobre esporte na televisão, 21% no rádio, e 16% na internet. Em relação ao conteúdo, 58% preferem as transmissões ao vivo, seguidas de noticiários e programas esportivos. Ainda de acordo com a pesquisa, o futebol é o esporte mais acompanhado pelos brasileiros, sendo o vôlei o segundo colocado, F1 terceiro, e basquete o quarto.

Historicamente, a presença masculina sempre foi maioria no contexto do jornalismo esportivo. Os homens jornalistas eram repórteres, apresentadores, produtores e responsáveis pela editoria desta especialização do jornalismo. Entretanto, cada vez mais mulheres têm se inserido no meio esportivo, atuando em diversas áreas antes destinadas apenas ao gênero masculino. Todavia, é necessário analisar onde as mulheres jornalistas esportivas se encontram nesta especialização, e qual o papel que elas estão representando neste contexto.

#### **4.1. MULHER NO ESPORTE E NO JORNALISMO ESPORTIVO**

Assim como no universo do trabalho, a mulher também se inseriu no mundo esportivo. Aumentando o seu envolvimento com a comunicação, passaram a ultrapassar barreiras e a ocupar novos territórios, informando, apresentando e comentando competições em diferentes modalidades esportivas (SOARES, 2009).

---

<sup>13</sup> Esporte Clube IBOPE Media. Disponível em: <http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/Paginas/Esporte%20Clube%20IBOPE%20Media%20revela%20a%20rela%C3%A7%C3%A3o%20do%20brasileiro%20com%20os%20esportes.aspx>. Acesso em: 24 out. 2017.

Embora existam cada vez mais mulheres ocupando espaços considerados masculinos, elas ainda precisam provar-se capazes de estarem exercendo determinada função, e demonstrar constantemente que seu trabalho pode ser igual, ou melhor, ao de um homem.

No campo dos esportes, esta diferença se intensifica. Inicialmente, a prática esportiva era exclusivamente masculina, sendo proibida a participação feminina, pois se acreditava que as mulheres não tinham condições físicas adequadas para o esporte (FARIAS, 2014). Também era considerada uma prática perigosa para o gênero feminino, uma vez que este deveria cuidar do corpo para a procriação. Apesar de ter conquistado outros direitos, o estereótipo de sexo frágil para a prática esportiva, além do dever com o zelo do próprio corpo e beleza, se mantiveram pela sociedade.

Foi apenas a partir da metade do século XX que as mulheres começaram a participar de atividades esportivas na prática, e não apenas como objeto de atração, como informa Righi:

Impedidas de participar dos primeiros Jogos Olímpicos, realizados em 1896, as mulheres estavam presentes no esporte apenas para coroar o vencedor. As mudanças foram lentas, mas as mulheres conquistam uma participação mais significativa nas atividades esportivas no século XX, e conseguem derrubar a característica de fragilidade anexa à descrição feminina (RIGHI, 2006, p.27).

No Brasil, essa participação foi ocorrer apenas no final dos anos 1940, pois, anteriormente, a inserção feminina em algumas modalidades havia sido impedida por regras sociais. No entanto, neste período começam a surgir times femininos de futebol no Estado do Rio de Janeiro. Essa mudança gerou tanto incômodo à sociedade que a Subdivisão de Medicina Especializada, relacionada à Divisão de Educação Física do Ministério da Educação, chegou a publicar um parecer recomendando uma campanha para mostrar os malefícios causados pelo futebol praticado pelas mulheres (RIGHI, 2006). Tal campanha não chegou a ser realizada, porém, no ano seguinte, em 1941, o Conselho Nacional de Desportos proibiu as mulheres de praticarem qualquer esporte relacionado com lutas, futebol, pólo aquático, rugby, baseball e halterofilismo. Esta proibição chegou a durar quarenta anos, até ser revogada em 1980, quando as mulheres começaram a competir nas mais variadas modalidades esportivas, como vôlei, handebol, judô, basquete, futebol e outros esportes que eram proibidos.



O grande marco da participação feminina brasileira no esporte foi a conquista da primeira medalha nos Jogos Olímpicos de Atlanta, com a dupla do vôlei de praia, Jacqueline e Sandra (RIGHI, 2006). Já nos Jogos Olímpicos de Atenas, realizado em 2004, a grande conquista do esporte feminino foi o número de atletas integrantes da delegação brasileira, sendo 122 mulheres num total de 245 representantes do Brasil.

No entanto, apesar do grande aumento e representatividade da mulher no mundo esportivo, as modalidades femininas ainda não possuem tanto espaço nem destaque nos noticiários. De acordo com Antônio Carlos Simões (2004), os jogos femininos só são divulgados para preencher lacunas da programação esportiva nos rádios e na televisão. Os noticiários esportivos se ocupam mais em divulgar banalidades dos esportes masculinos do que notícias relevantes de competições femininas, inclusive internacionais (SIMÕES, 2004).

Assim como o espaço para o esporte feminino é dificultado nas redações esportivas, o espaço para as mulheres comentarem e darem sua opinião sobre esportes no jornalismo ainda é limitado.

A inserção da mulher no ambiente esportivo, assim como na imprensa, ocorreu de maneira lenta e gradual, como afirma Farias (2014), “num espaço predominantemente de dominação masculina, as mulheres brasileiras conquistaram prestígio e ascensão social no campo esportivo, paulatinamente.” (FARIAS, 2014, p.28).

No Brasil, ao final do século XIX, as mulheres começaram a ocupar espaços no jornalismo, e a divisão de tarefas com os homens se dava através das editorias. Enquanto as mulheres cobriam pautas ligadas ao universo feminino, como educação, família e filhos, aos homens restavam as editorias de economia, política e esporte (RIGHI, 2006).

Somente na década de 1970 as mulheres ingressaram na editoria esportiva. De uma maneira totalmente inovadora para a época, a *Rádio Mulher* colocou no ar uma equipe esportiva formada somente por mulheres. As equipes, interna e externa, de transmissão eram formadas por narradoras, comentaristas, repórteres, locutoras, sonoplastas e motoristas. “A proposta era inovadora, mas o preconceito por boa parte dos homens da imprensa era escancarado” (RIBEIRO, 2007, p.220).

A primeira mulher reconhecida como jornalista esportiva e a fazer entrevistas nos vestiários no Brasil foi Regiani Ritter. Sua carreira no esporte teve início em

1984, quando foi convidada pela Rádio Gazeta de São Paulo para cobrir folgas dos repórteres que faziam a cobertura dos clubes paulistanos. A jornalista admitiu passar por diversas situações de preconceito principalmente pelos seus colegas de profissão, conforme afirma em uma entrevista concedida ao site Trivela<sup>14</sup>:

Eu me pressionava tanto para fazer tudo certo, porque, em um universo que tinha centenas de jornalistas esportivos no Estado de São Paulo, se um ou dois errassem era normal. Agora se uma das seis mulheres que eram jornalistas esportivas cometesse um erro, diriam: 'É porque é mulher'. Eu não podia me permitir errar (RITTER, 2011).

Mas foi somente a partir de 1990 que a participação das mulheres no jornalismo esportivo cresceu de forma significativa. Mylena Ciribelli, Débora Vilhalba, Glenda Kozlowiski e Débora Menezes são alguns exemplos de repórteres que atuavam em programas voltados ao esporte neste período. Destaque no cenário esportivo da década de 1990, Mylena Ciribelli começou a ganhar visibilidade quando apresentava boletins sobre os Jogos Olímpicos de Seul e também sobre a Fórmula 1, na TV Manchete em 1988. Em 1991, passou a trabalhar para a TV Globo, produzindo matérias para o *Esporte Espetacular* e também para o *Globo Esporte*.

Em 1998, Isabel Tenese se torna a primeira mulher a assumir uma editoria de esportes em um veículo nacional, comandando o caderno de esportes do Estado de São Paulo até 2001, quando pediu demissão (COELHO, 2013).

Na televisão, a pioneira no jornalismo esportivo foi Isabela Scalabrini, que ingressou no departamento de esportes da TV Globo em 1980, após um programa de estágios da emissora. Scalabrini começou a fazer reportagens para o Globo Esporte, cobrindo diversas modalidades esportivas. Isabela afirmou que sofreu preconceito como repórter de esportes, principalmente no início da sua carreira, recebendo perguntas como “O que você veio fazer aqui? Entende de futebol?”<sup>15</sup>.

A primeira mulher a cobrir uma olimpíada pela Rede Globo foi Monika Leitão. Em 1980 cobriu os Jogos Olímpicos de Moscou, e o Pré-Olímpico de basquete em Porto Rico.

Já a jornalista Anna Zimmerman foi a primeira repórter a participar de uma cobertura esportiva de futebol pela Rede Globo, na Copa do Mundo de 1998. O trabalho de Anna Zimmerman foi muito importante para a inserção de novas

---

<sup>14</sup> Disponível em: <<http://trivela.uol.com.br/mulheres-ainda-enfrentam-machismo-velado-no-futebol/>>. Acesso em: 27 out. 2017.

<sup>15</sup> Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/isabela-scalabrini/trajetoria.htm>>. Acesso em: 27 out. 2017.

mulheres neste meio. Ser mulher e repórter de campo, naquela época, era uma grande quebra de tabu.

Logo após, em 2002, Fátima Bernardes se tornou destaque feminino nesta editoria, cobrindo as informações da Copa do Mundo. Em 2006, Fátima também foi responsável por fazer matérias e trazer informações ao Brasil das equipes que participaram deste evento. Segundo Righi (2006), na Copa do Mundo de 2006 houve um grande aumento do número de jornalistas mulheres na cobertura esportiva, tanto na imprensa nacional como internacional, chegando a virar pauta na mídia.

Em 2007, Renata Fan, ex-modelo e jornalista, quebrou paradigmas ao ser a primeira mulher a comandar um programa esportivo em formato de mesa redonda na televisão brasileira, estilo que consiste em fazer análises, comentários e previsões sobre o futebol. Renata Fan fez a sua estreia como apresentadora no programa Terceiro Tempo, da Rede Record de Televisão, ao lado de Milton Neves. Apresentou o programa Golaço, da Rede Mulher em 2005, e em 2007 foi para a TV Bandeirantes para apresentar o programa Jogo Aberto, onde permanece até hoje. Na Copa do Mundo de 2014 participou como comentarista nas transmissões de partidas de futebol, também pela Bandeirantes<sup>16</sup>.

No dia 07 de novembro de 2017, Isabelly Moraes fez história no rádio ao narrar uma partida de Série B do Campeonato Brasileiro de futebol. A locutora se tornou a primeira mulher a realizar este feito, transmitindo a partida entre as equipes América-MG e ABC, pela Rádio Inconfidência, de Belo Horizonte<sup>17</sup>.

Outro marco histórico da mulher no jornalismo esportivo aconteceu no dia 03 de dezembro de 2017, com 2 jogos da Série A do Campeonato Brasileiro de Futebol sendo narrado por mulheres. Foi um fato inédito duas mulheres narrando, concomitantemente, partidas da elite do futebol com transmissão para todo o país<sup>18</sup>. A partida entre Atlético-MG e Grêmio teve a narração de Isabelly Moraes, e o jogo entre São Paulo e Bahia foi comandado por Elaine Trevisan. A última partida, além da narração, foi comentada por Juliane dos Santos e reportada por Natália Santana, que integraram a equipe de transmissão 100% feminina da Rádio Poliesportiva.

---

<sup>16</sup> Disponível em: <[http://www.renatafan.com.br/biografia/biografia\\_index.htm](http://www.renatafan.com.br/biografia/biografia_index.htm)>. Acesso em: 27 out. 2017.

<sup>17</sup> Disponível em: <<https://sportv.globo.com/site/programas/redacao-sportv/noticia/aos-20-e-ainda-estudante-locutora-faz-historia-ao-narrar-vitoria-do-america-mg.ghtml>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

<sup>18</sup> Disponível em: <<http://dibradoras.com.br/transmissao-feminina-no-futebol/>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

Atualmente, mulheres participam, realizam matérias, comentam e apresentam programas televisivos do gênero. Para Farias (2014), foi um longo caminho, ainda inacabado, que as mulheres percorreram para conquistar a ascensão social no campo esportivo:

A trajetória construída por elas nesse terreno não apenas variou no tempo, foi igualmente perpassada por conflitos de classe, raça/etnia, geração, sexualidade e pelos sinais distintivos atribuídos aos diversos esportes, que configuraram diversas relações de poder e subordinação ao longo do século passado (FARIAS, 2014, p.28).

Coelho (2003) relata que o aumento da presença feminina dentro do jornalismo esportivo é consequência do aumento da escolaridade das mulheres. Quando antes o interesse poderia girar somente ao redor de assuntos ligados ao seu cotidiano, com o aumento de escolaridade elas puderam ampliar seu conhecimento às áreas que antes eram apenas masculinas, como o esporte. Com isso, a quantidade de mulheres nas redações esportivas cresceu significativamente.

Porém, a participação das mulheres ainda é muito limitada neste meio, Alexandrino (2011) afirma que:

Embora o aumento das mulheres no jornalismo esportivo televisivo seja perceptível, em algumas emissoras a participação feminina não é significativa, pois em alguns canais de televisão as mulheres são condicionadas a ler scripts prontos e a sua participação resume apenas a apresentação do programa, não podendo expressar efetivamente comentários ou mostrar sua opinião acerca do esporte (ALEXANDRINO, 2011, p.40).

Isto reforça a ideia da mulher inserida no telejornalismo esportivo apenas como objeto de aumento de audiência. Não sendo possível avaliar sobre o conhecimento real da mulher sobre o esporte, uma vez que, na maioria das vezes, a profissional fica limitada à apresentação (ALEXANDRINO, 2011), não dando suas opiniões sobre táticas de jogo.

Além disso, por carregarem o estigma de não entender sobre esportes, elas eram encaminhadas para cobertura de esportes considerados amadores, pois, conforme Coelho (2003), “É mais fácil demonstrar conhecimento sobre vôlei, basquete e tênis do que sobre futebol e automobilismo. Território onde o machismo ainda impera.” (COELHO, 2003, p.35).

Mesmo com as mulheres inseridas nas redações e em diferentes modalidades esportivas, a equiparação dos sexos no jornalismo esportivo ainda não foi alcançada, conforme analisa Freitas:

O fato é o que o trabalho feminino é menos valorizado. Por exemplo, enumeremos no Brasil a quantidade de redatoras e locutoras esportivas que conhecemos e veremos que a mídia esportiva pertence ao mundo dos homens. A mulher é vista, analisada, comentada, classificada, mitificada ou não pelos homens, aos quais, decididamente não convém misturar sexo e esporte (FREITAS in SIMÕES, 2003, p.65).

Para Coelho (2004), o índice feminino nas redações reflete o interesse da população, pois “Se em estádio de futebol, autódromo ou ginásio há mais homens que mulheres, é normal que haja também índice diferente de homens e mulheres nas redações” (COELHO, 2004, p. 34).

Contudo, uma pesquisa realizada a pedido do Globo<sup>19</sup> pela Sophia Mind, empresa do grupo Bolsa de Mulher, em 2010, afirmou que 80% das mulheres brasileiras torcem por algum time de futebol. No entanto, apenas 25% vão ao estádio, ainda assim, poucas vezes ao ano. Das torcedoras que não vão ao estádio, 81% alegam que sentem medo da violência. Deste modo, declarar que a diferença do interesse das mulheres e dos homens pelo esporte se justifica apenas pela presença dos mesmos em estádios não condiz com a realidade.

Com a grande visibilidade conquistada no meio esportivo, surgiram os diversos preconceitos e tabus a serem quebrados pelas mulheres. As profissionais ainda precisam provar o quanto podem entender e falar sobre esporte, pois ainda são questionadas a respeito de sua capacidade.

A “beleza feminina” também é um fator preocupante quando pensamos no espaço adquirido pela mulher no esporte, principalmente no telejornalismo esportivo, onde a imagem é fator fundamental. A ocupação de mulheres em espaços predominantemente masculinos foi obtida através de luta, porém não se pode ignorar um interesse de certa parte em tal ocupação.

Assim como a inserção de mulheres no mercado de trabalho se intensificou pela vantagem de sua mão-de-obra barata (BAYLÃO; SCHETTINO, 2014), realizando o mesmo trabalho de um homem, mas recebendo menos, o espaço das mulheres no jornalismo esportivo também pode ser cedido através de interesses, como o aumento de audiência devido à “beleza feminina” presente na tela.

Em outras palavras, Goellner (2005) informa que a beleza das jogadoras é crucial para sua aparição na televisão:

---

<sup>19</sup> Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/esportes/pesquisa-mostra-que-no-pais-do-futebol-80-das-mulheres-torcem-para-algum-time-2998020>>. Acesso em: 28 out. 2017.

O apelo à beleza das jogadoras e a erotização de seus corpos tem como um dos pilares de sustentação o argumento de que, se as moças forem atraentes, atrairão público aos estádios e, portanto, ampliarão os recursos captados com os jogos, propagandas, produtos e serviços a girar em torno da modalidade (GOELLNER, 2005, p.147).

Se percebemos este apelo à imagem das mulheres atletas, o pensamento para com as jornalistas esportivas no telejornalismo esportivo pode não ser diferente. Como a televisão tem como item fundamental a imagem, a presença das jornalistas esportivas ainda é contestada se a mulher ocupa este espaço por qualificação profissional ou se a boa estética é o atributo necessário para exercer este trabalho.

Conforme analisa Righi (2006), nem sempre a mulher está incluída no cenário esportivo de forma qualificada, comentando o esquema tático do time, falando sobre o desempenho dos jogadores ou descrevendo lances em partidas. Muitas vezes, a presença feminina é estabelecida não de modo expressivo, mas reforçando estereótipos e saciando interesses:

Supondo que as paixões masculinas são a mulher e o futebol, como descrevem muitos cronistas e compositores brasileiros, colocar o sexo feminino nesse cenário seria uma forma de alcançar níveis mais altos de audiência. Porém, essa presença foi imposta visando o lucro e, muitas vezes, não é exercida por jornalistas, e quando é, elas nem sequer exercem funções jornalísticas. Em alguns programas esportivos as mulheres são colocadas como parte do cenário, apenas lendo textos, tendo a beleza como característica obrigatória no currículo (RIGHI, 2006, p.33).

Para Cruz (2008), a mulher é identificada na mídia como aquilo que todos os homens devem querer e possuir, reforçando estereótipos da mulher como objeto.

De acordo com Righi (2006), o modo como a mulher é representada no jornalismo esportivo, acaba representando diversos valores e significados para o telespectador. A partir do momento em que as mulheres não possuem representação significativa na programação esportiva, como a realização de reportagens ou a participação efetiva compondo e opinando em mesas de discussões, a profissional é afastada da sua posição de jornalista e comunicadora.

Na história dos meios de comunicação, a estética da mulher sempre foi o principal motivo para a aparição feminina na televisão. No entanto, a crescente participação das mulheres na mídia, principalmente no telejornalismo, pode mudar esta visão cultural sobre o gênero feminino.

A presença das mulheres na comunicação de forma qualificada as torna mais cidadãs ao olhar da sociedade. Já que as diferenças entre os homens e as mulheres são socialmente construídas, a presença do sexo feminino em programas televisivos, onde o espaço é predominantemente preenchido por homens, pode ser um grande fator de mudança. A representação e atuação das mulheres nos veículos de comunicação, deste modo, torna-se de suma importância na ressignificação dos valores da sociedade.

## 5. MULHER NO TELEJORNALISMO ESPORTIVO DO RIO GRANDE DO SUL

Apesar de todos os avanços que as mulheres obtiveram profissionalmente, os homens ainda são a maioria quando a especialização é o jornalismo esportivo. No entanto, cada vez mais mulheres vêm se profissionalizando nesta área. No Brasil, Fernanda Gentil, Glenda Kozlowski, Renata Fan, entre outras, são grandes nomes femininos no jornalismo esportivo nacional, servindo de inspiração para profissionais que desejam seguir esta carreira. No Rio Grande do Sul, Alice Bastos Neves, Débora de Oliveira e Kelly Costa são representantes notórias no cenário esportivo gaúcho.

Um dos nomes de destaque no cenário esportivo do Rio Grande do Sul é o de Eduarda Streb. Em 1999 a jornalista deu início à sua carreira esportiva como repórter. De acordo com (BERNDT, 2015) a jornalista passou a apresentar, em 2002, um bloco de esportes no telejornal Bom dia Rio Grande, enquanto também apresentava, paralelamente, o programa Torcida TVCOM. Foi convidada a trabalhar no SporTV em 2009, e retornou à RBS TV em 2012, apresentando o RBS Esportes e o Globo Esporte RS, onde ficou até 2015, quando decidiu abrir seu próprio negócio<sup>20</sup>.

Débora de Oliveira, que também é proeminente no cenário esportivo gaúcho, iniciou a carreira esportiva na Rádio ABC, de Novo Hamburgo, atuando como repórter de esportes. Em 2005 foi contratada pela Bandeirantes, onde atuava na rádio e na televisão, e foi integrante fixa do programa Toque de Bola, debatendo sobre futebol. Em 2006 foi para a RBS TV, atuando como repórter na cobertura esportiva e apresentadora do programa RBS Esportes (BERNDT, 2015). Atualmente, a jornalista apresenta o programa SBT Esporte, no SBT RS, além de realizar outros quadros esportivos na programação da emissora.

As mulheres jornalistas do Estado, apesar de presentes no meio esportivo, constantemente sofrem ataques preconceituosos relacionados ao gênero e ofensas de baixo nível. No dia 18 de Julho de 2017, durante a coletiva de imprensa após a partida entre o Internacional e o Luverdense, pela Série B do Campeonato Brasileiro, o técnico do time colorado, Guto Ferreira, respondeu de forma machista a jornalista Kelly Costa, da RBS TV. Após a repórter questionar Guto Ferreira sobre um

---

<sup>20</sup> Disponível em: <<http://diariogaucha.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2015/09/eduarda-streb-deixa-a-teve-para-investir-no-seu-proprio-negocio-4839792.html>>. Acesso em: 27 out. 2017.



problema técnico da equipe, o treinador iniciou a resposta dizendo: “Desculpe, eu não vou te responder com uma pergunta por que você é mulher e talvez não tenha jogado (futebol)”<sup>21</sup>.

Outro caso recente foi o da repórter Júlia Goulart, da rádio Galera de Porto Alegre, que sofreu ofensas por parte dos torcedores enquanto fazia a cobertura da partida entre o Internacional e o Criciúma, no dia 21 de outubro deste ano<sup>22</sup>.

Soares (2009) questiona esse tratamento ainda diferente recebido pelas jornalistas que têm a coragem de ingressar neste meio tão carregado de estigmas:

Na única terra pentacampeã do globo com a invenção de Charles Muller, esporte é sinônimo de futebol, futebol de democracia de massas da qual não há distinções. Diferenças de classes, credos, idades se anulam; e nas últimas décadas, por que não de sexo? (SOARES, 2009, p.6)

Quetelin Rodrigues, produtora e editora de texto do Globo Esporte RS, afirma que ainda há muitas diferenças na participação feminina da cobertura esportiva. No entanto, ela acredita que, cada vez mais, essa realidade irá mudar<sup>23</sup>:

A minha percepção é que hoje as mulheres estão tomando mais lugares, só que para as mulheres de vídeo, ainda é um lugar muito superficial. Não vemos mulheres comentando um jogo, a mulher não pode dar opinião sobre nada. Em programas de debate, por exemplo, como é o Bem Amigos hoje, a mulher só serve para ler torpedo. Então, isso ainda é muito ruim, apesar de haver um avanço (RODRIGUES, 2017).

A jornalista relaciona a superficialidade da participação da mulher especialmente pela necessidade de as mesmas estarem sempre bonitas e muito maquiadas, quando os homens, por sua vez, não têm esse grau de exigência, de um padrão de beleza. “A gente vê um homem um pouquinho mais gordinho no ar, careca, e só vemos mulheres impecáveis no esporte”<sup>24</sup> (RODRIGUES, 2017).

Rodrigues afirma que espera uma mudança, tanto nos padrões estéticos como na participação feminina qualificada no jornalismo esportivo, ainda nesta geração. Ela reforça que gostaria de ver mulheres comentaristas, que dessem sua opinião assim como o Mauricio Saraiva no Globo Esporte RS.

Vimos há pouco tempo uma comentarista mulher no Esporte Interativo, que foi a Clara Albuquerque. Agora na SporTV também têm a Cintia Barlem comentando o futebol feminino. Mas eu quero ver a mulherada comentando

---

<sup>21</sup> Disponível em: <<https://extra.globo.com/esporte/guto-ferreira-machista-ao-responder-reporter-apos-jogo-do-inter-mas-depois-se-desculpa-21605957.html>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

<sup>22</sup> Disponível em: <<http://coletiva.net/jornalismo/reporter-da-radio-galera-e-ofendida-durante-cobertura-de-jogo-de-futebol,230600.jhtml>>. Acesso em 01 nov. 2017.

<sup>23</sup> Entrevista concedida à autora em 20 out. 2017.

<sup>24</sup> As respostas da entrevistada foram editadas pela autora de modo a facilitar o entendimento.

o futebol masculino, quero ouvir a opinião das mulheres (RODRIGUES, 2017).

Rodrigues afirma que, pela primeira vez, há tantas mulheres na produção do Globo Esporte RS, contando com seis profissionais que atuam diariamente para a realização do programa esportivo. Contudo, os cargos de direção continuam sendo ocupados por homens.

Para estar entre os programas de destaque da TV brasileira, o *Globo Esporte* contou com a colaboração de muita gente e teve que mudar muito. Ao olhar para história do programa, grandes nomes aparecem, mas, entre eles, em vinte e três anos de existência, passaram somente editores do sexo masculino, como - Edil Valle Júnior, Ricardo Pereira, Luís Antônio Nascimento, José Antônio Geheim e João Ramalho (RAMOS, sem data)<sup>25</sup>.

Yasmine Santos, repórter do Balanço Geral RS e única repórter do quadro Balanço na Rede, da Record TV, afirma<sup>26</sup> que se frustrou com sua atividade, pois tem poucas informações disponíveis e precisa realizar as matérias de forma muito branda e superficial, pois não é a tradição da Record a transmissão de conteúdo esportivo muito aprofundado, uma vez que o público telespectador da emissora, em maioria de classes C, D e E, não estão interessados em mais informações do que o resultado das partidas.

A jornalista relatou que o esporte surgiu na carreira profissional de forma natural, conforme as oportunidades que recebeu. Entretanto, Santos afirmou que já tinha feito cursos sobre regras de jogo e informações aprofundadas sobre o futebol, desde gestão de clubes até regras, para estar preparada caso surgisse uma oportunidade na área do jornalismo esportivo.

Santos declarou que acha muito difícil ser mulher no jornalismo esportivo, principalmente no futebol, pois já enfrentou e presenciou diversas situações de preconceito e desrespeito. A jornalista citou como exemplo a coletiva de imprensa com o então técnico do Internacional, Guto Ferreira, em que este respondeu de forma grosseira uma pergunta feita por ela, além da resposta machista dada para a colega de profissão, Kelly Costa, que teve bastante repercussão na mídia.

E tem muito isso, não só com técnico, não tem só técnico que dá em cima de repórter, que pede o telefone da repórter para o cinegrafista, não é só isso que acontece, isso é o mais brando. Nós vemos isso dos próprios colegas, que acham as mulheres não sabem nada. Mas, mesmo se eu não

---

25

Disponível

em:

<<http://www.unaspec.com/canaldaimprensa2/PortalAntigo/canalant/midia/vintedicoes/decedicao/midia3.htm>>. Acesso em 06 out. 2017.

<sup>26</sup> Entrevista concedida à autora em 20 nov. 2017.

soubesse nada, eu fui contratada para estar ali, então alguma coisa eu tenho, e não é só um par de peitos e uma bunda (SANTOS, 2017).

A repórter ainda informou que precisa se impor muito neste ambiente, pois a competição é muito grande, principalmente da parte dos homens jornalistas com as mulheres, e que diversas situações machistas ocorrem frequentemente, desde coisas simples, como receber o microfone por último nas coletivas de imprensa, até mais graves, como ser ofendida por torcedores só pelo fato de estar trabalhando naquele local. Para Santos, as situações vividas no jornalismo “são só um espelho do que é a sociedade, não é o mercado esportivo, não é isso. Nós somos assim” (SANTOS, 2017).

Rebecca Rosa<sup>27</sup>, estagiária de produção do programa Os Donos da Bola RS, na Band TV, acredita que os espaços ocupados pelas mulheres no jornalismo esportivo são muito importantes para auxiliar na superação da desigualdade de gêneros e contribuir para o empoderamento feminino no esporte.

Eu penso assim, se me dão esse espaço, eu tenho que usá-lo para me empoderar e para empoderar as mulheres na minha volta, que tem a mesma luta que eu. Então agora como eu tenho um espaço em que eu posso fazer algo para que isso mude, eu vou fazer. Eu acredito que o papel que eu tenho aqui dentro é justamente isso, incomodar para que tenha mais pauta feminina, que tenha mais mulheres na equipe, contestar os machismos deles, por mais que às vezes eles não percebiam, por ser algo tão cultural (ROSA, 2017).

A estudante de jornalismo afirmou que sempre quis fazer jornalismo esportivo, mesmo sabendo que enfrentaria situações difíceis, apesar de não saber que seriam tantas. Rosa ainda estabeleceu uma metáfora, para comparar sua experiência de ingresso nesta área em comparação aos seus colegas homens, que conseguiram espaço no jornalismo esportivo muito mais facilmente. “A metáfora que eu criei é que eu estou na frente de uma porta, batendo várias vezes e a porta não abre de jeito nenhum, e daí o meu amigo passa na frente e a porta abriu. Por que é muito mais fácil” (ROSA, 2017).

Apesar de saber de todas as situações, a estagiária do programa tem esperanças de que, no futuro próximo, cada vez mais mulheres ocuparão estes espaços majoritariamente masculinos e ajudarão a diminuir a diferença de gêneros.

---

<sup>27</sup> Entrevista concedida à autora em 21 nov. 2017.

## **6. A PRESENÇA FEMININA NOS PROGRAMAS ESPORTIVOS TELEVISIVOS DO RIO GRANDE DO SUL**

### **6.1. Percurso metodológico**

A partir da teoria estudada e da verificação da participação feminina nos programas esportivos televisivos do Rio Grande do Sul, é possível traçar um perfil de como ocorre a inserção e atuação da mulher, através da análise dos quatro principais programas referentes a esporte na televisão aberta, produzidos no Rio Grande do Sul, que atualmente são: Globo Esporte, da RBS TV, Os Donos da Bola, da Band TV, SBT Esporte, do SBT, e, por fim, Balanço na Rede, da TV Record.

Este estudo está baseado na pesquisa bibliográfica realizada para dar um maior entendimento sobre a participação da mulher tanto na sociedade como no ambiente esportivo; observação dos programas previamente gravados; análise destes programas e entrevista com as jornalistas Quetelin Rodrigues, do Globo Esporte RS, Yasmine Santos, do Balanço na Rede, e Rebecca Rosa, do Os Donos da Bola RS. A escolha foi fundamentada nos principais programas esportivos que têm produção realizada no estado gaúcho, além de serem transmitidos por emissoras de televisão aberta. No total são gravados 19 programas durante o período entre 06 e 10 de novembro de 2017, apenas a edição do dia 09 de novembro do SBT Esporte não pôde ser analisada, pois houve um erro de gravação da emissora, que não divulgou o programa desta data. Ao todo foram 7 horas e 28 minutos de gravação. Neste mesmo período foi identificada a presença das jornalistas gaúchas Alice Bastos Neves, Kelly Costa, Muriel Porfiro, Rebecca Rosa, Débora de Oliveira, Yasmine Santos e Vanessa Pires. Marina Izidro teve uma participação no Globo Esporte RS, entretanto, é carioca e correspondente da SporTV em Londres. Heloísa Villela, que teve uma participação no Balanço na Rede, é correspondente internacional da Record TV em Nova Iorque.

A partir da gravação das edições, a análise se dará de forma a destacar os principais pontos que abrangem as respostas para a compreensão desta pesquisa, como o papel que a mulher exerce nos determinados programas, a atuação das profissionais sendo apresentadoras, repórteres ou comentaristas, bem como a quantidade de matérias ou notas produzidas pelas jornalistas. Além disto, será feito

um comparativo entre o número de reportagens produzidas e as participações femininas e masculinas em cada programa.

O Globo Esporte RS é veiculado pela RBS TV. A maior afiliada da Rede Globo, com 18 emissoras no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, foi fundada em 29 de dezembro de 1962. A emissora conta com três diferentes programas esportivos em sua programação, sendo um produzido pelo Estado, e dois que veiculam a produção nacional, que são o *Autoesporte* e *Esporte Espetacular*. Realizado por profissionais do Rio Grande do Sul, o *Globo Esporte RS* vai ao ar de segunda a sábado, às 12 horas e 50 minutos, e tem meia hora de duração, apresentando reportagens com os principais fatos do dia, com destaque à dupla *grenal*.

O *Globo Esporte* foi ao ar pela primeira vez em 14 de agosto de 1978, com a proposta de substituir o *Copa Brasil*, programa que apresentava exclusivamente informações sobre o futebol e era apresentado por Léo Batista. No entanto, o *Globo Esporte* abriu espaço para diferentes modalidades, trazendo na programação diversas informações sobre o mundo esportivo. A partir de 1983, o programa passou a ter dois blocos de notícias destinados à rede nacional, e um bloco realizado pela produção regional de televisão, com matérias locais e de interesse da região.

A partir de 2011 o programa passou a ter edições locais em diversas capitais, entre elas, Porto Alegre, sendo transmitida pela RBS TV, afiliada gaúcha da TV Globo. Os primeiros apresentadores do programa no Rio Grande do Sul foram Paulo Britto e Alice Bastos Neves, que passou a ser apresentado somente pela jornalista a partir de 2013. Em 2015, o programa tornou a ser apresentado por Eduarda Streb, substituindo Alice durante a sua licença-maternidade.

Atualmente, o *Globo Esporte RS* informa sobre os times de futebol do interior do estado, além da cobertura de outras modalidades esportivas, como ginástica, automobilismo e maratonas.

A equipe que realiza o programa no Estado é composta por 6 mulheres e 11 homens. São duas as mulheres que aparecem na tela, Alice Bastos Neves como apresentadora e Kelly Costa, repórter. As outras fazem parte da produção e edição. Sendo a Luysa Espinosa editora de imagem, e Paula Menezes, Manuela Ramos e Quetelin Rodrigues produtoras e editoras de texto. Dos homens que trabalham no programa, Julio Cesar Santos, Leonardo Muller, Glauco Pasa e Fernando Becker são repórteres, Eduardo Rachelli, estagiário, Lucas Rizzatti, editor de reportagem,

Jerônimo Silvello, produtor e editor, Cláudio Lacerda, editor de imagem, Maurício Saraiva, comentarista, Thiago Cirqueira é o chefe de redação e Marcelo Cabral, editor chefe.

O programa *Os Donos da Bola RS* é transmitido pela Band RS. A TV Bandeirantes Porto Alegre, também conhecida como Band RS, foi fundada em 30 de junho de 1980, e possui quatro programas esportivos na sua grade. Os programas *Band Esporte Clube*, *Jogo Aberto* e *Terceiro Tempo* são nacionais, e apenas *Os Donos da Bola RS* é produzido no Estado.

No ar desde 2001, quando ainda se chamava *Toque de Bola*, *Os Donos da Bola RS* é uma edição local do programa ancorado por Neto, com apresentação do jornalista Filipe Duarte, e participação de Ribeiro Neto, que retrata informações e discute com os comentaristas e convidados sobre o cenário do futebol gaúcho, com destaque para a dupla grenal. O programa ainda conta com a produção e chefia de Paulo Pires, e a auxiliar de produção Rebecca Rosa.

O programa, que mudou de nome em 2013, vai ao ar de segunda à sexta-feira das 12 horas e 30 minutos às 13 horas e 30 minutos, e aos sábados entre 18 horas e 50 minutos e 19 horas e 20 minutos.

O terceiro programa analisado foi o SBT Esporte. O SBT RS foi fundado em 26 de agosto de 1981 por Silvío Santos, com o nome TVS Canal 5 de Porto Alegre. Em 1990, após o desmembramento do SBT com a Rede de Emissoras Independentes, passou a se chamar SBT Canal 5 de Porto Alegre e, em 2012, o nome foi alterado para SBT RS. Desde 2004 o sinal é transmitido para cerca de 95% do território do estado gaúcho.

A emissora possui apenas o *SBT Esporte* na sua grade esportiva. O programa estreou no dia 22 de janeiro de 2014, e é dedicado à cobertura dos eventos esportivos locais. Veiculado de segunda à sexta, das 12 horas 20 minutos até 12 horas e 40 minutos, é apresentado pelos jornalistas Débora de Oliveira e Ricardo Vidarte, trazendo informações e opiniões sobre o esporte gaúcho, e reportagens de Rodrigo Morel.

O último programa analisado foi o *Balanço na Rede*, da RecordTV RS. A RecordTV RS foi fundada em 1 de julho de 2007, a partir do fim da filiação com a TV Pampa de Porto Alegre e a compra da TV Guaíba e demais veículos de comunicação do Sistema Guaíba-Correio do Povo pela Central Record de Comunicação.

A emissora resume sua programação esportiva no *Esporte Fantástico*, veiculado aos sábados às 10 horas e 15 minutos da manhã, e em um quadro do Balanço Geral RS, chamado *Balanço na Rede*, que vai ao ar durante o programa de segunda à sexta, às 12 horas e 40 minutos, com 5 minutos de duração.

A emissora gaúcha transmite o conteúdo nacional do *Esporte Fantástico*, e produz o quadro *Balanço na Rede*, com apresentação do jornalista Luís Fernando Moretti Gross (Nando Gross), reportagens de Yasmine Santos, produção de Daiane Dalle Tese, que também faz a produção do Balanço Geral, edição de Vinícius Maestri, e chefia de jornalismo de Rodrigo Falcão.

## **6.2. Globo Esporte RS**

No dia 06 de novembro, a presença feminina no Globo Esporte fica representada apenas na figura da apresentadora Alice Bastos Neves, que realiza todas as chamadas, notas ao vivo e cobertas. Uma das notas cobertas dividiu a narração entre a apresentadora Alice e Luciano Périco, narrador da RBS TV, e outra com participação masculina foi enviada ao programa pelo jornalista Alex Escobar, do Rio de Janeiro.

Os boletins apresentados no programa foram feitos pelos jornalistas Thiago Crespo e Alexandre Oliveira. O primeiro apresentou informações sobre a Fórmula 1 em Interlagos, e o segundo sobre a preparação da Seleção Brasileira em Paris para os dois próximos amistosos que serão disputados.

As matérias dos programas, que foram sobre a partida disputada no domingo entre Grêmio e Flamengo e o jogo da noite desta segunda-feira do Internacional contra o CRB pela série B do Campeonato Brasileiro, foram realizadas pelos jornalistas Fernando Becker e Glauco Pasa, respectivamente.

Os comentários sobre as reportagens, notas cobertas apresentadas, tabelas de classificação e partidas do final de semana foram feitos pelo jornalista Mauricio Saraiva, que emite suas opiniões enquanto Alice apenas concorda e comenta superficialmente.

Portanto, a representação da mulher nesta edição do programa se limita apenas à apresentação, não participando de nenhuma das reportagens apresentadas, boletins, ou comentários.

**Tabela 1 - Programa Globo Esporte RS 06/11/2017.**

Programa: Globo Esporte RS			
Data: 06 de novembro de 2017, segunda-feira.			
	Boletim	Nota Coberta	Matéria
Participação Feminina	-	6	-
Participação Masculina	2	2	2

Fonte: elaborado pela autora.

No Globo Esporte do dia 07 de novembro a presença feminina também é limitada apenas à apresentação da jornalista Alice Bastos Neves, realizando todas as chamadas para as matérias, notas ao vivo e uma coberta. A nota coberta apresentada por Alice foi sobre a participação do goleiro gremista Marcelo Grohe no programa Bem Amigos do SporTV, que é apresentado por Galvão Bueno, ao menos nesta edição, composto apenas por homens.

Os boletins apresentados foram feitos pelos jornalistas Leonardo Muller, dando informações sobre o treino do Grêmio, Felipe Brisolla, que informou sobre a Fórmula 1 de Interlagos, em São Paulo, e Tino Marcos, que deu notícias sobre o treino da Seleção Brasileira na França.

As reportagens informaram sobre o empate do Internacional contra o Luverdense, e as partidas que aconteceriam no final do dia entre Brasil de Pelotas e Paraná, e CRB e Juventude. As matérias foram realizadas pelos jornalistas Glauco Pasa, Alfredo Pereira e Rodrigo Cordeiro, respectivamente.

A entrevista foi feita por Leonardo Muller com o jogador do grêmio Everton, diretamente do CT Luiz Carvalho, onde a equipe estava treinando.

Mais uma vez, como pudemos constatar nesta edição, o papel da mulher no Globo Esporte ficou limitado apenas à apresentação, não participando de nenhuma outra atividade do programa.



**Tabela 2 - Programa Globo Esporte RS 07/11/2017.**

Programa: Globo Esporte RS				
Data: 07 de novembro de 2017, terça-feira.				
	Boletim	Nota Coberta	Matéria	Entrevista
Participação Feminina	-	1	-	-
Participação Masculina	3	-	3	1

Fonte: elaborado pela autora.

O Globo Esporte do dia 08 de novembro foi o que teve mais representatividade feminina dos programas analisados até então. Das 5 matérias apresentadas na edição, 2 foram realizadas por repórteres mulheres.

A primeira matéria a ir ao ar, feita por Leonardo Muller, tratava sobre o time do Grêmio e as informações sobre o elenco e as competições que estão participando. Alexandre Oliveira trouxe na sua matéria informações sobre a seleção brasileira, em Paris, onde estão sendo realizados os treinamentos para o amistoso contra a seleção do Japão, e sobre o zagueiro brasileiro Marquinhos.

O jornalista Julio Cesar Santos informou sobre o Internacional e sua situação na Série B do Campeonato Brasileiro. Nesta matéria, foram chamados os repórteres da Rádio Gaúcha, Eduardo Gabardo e José Alberto Andrade, além do comentarista Diogo Olivier, para opinarem sobre o momento vivido pelo time colorado.

A participação feminina nas matérias foi representada pelas repórteres Marina Izidro, que estava na Suíça dando informações sobre o Olympic Golden Ring Awards e suas premiações para as melhores coberturas esportivas dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016, e Kelly Costa, que informou sobre o time masculino de vôlei Canoas e seu jogo pela Superliga.

As notas cobertas, que foram sobre o time do Lanus, adversário do Grêmio na final da Libertadores, e sobre os jogos ocorridos entre os times gaúchos na Série B do Campeonato Brasileiro, Brasil de Pelotas e Paraná, e CRB e Juventude, foram narradas pela apresentadora Alice Bastos Neves.

A terceira edição analisada do programa, desta vez, não ficou apenas limitada à apresentação, com a participação de mais duas jornalistas, além da apresentadora

Alice Bastos Neves, única mulher apresentada nas duas edições anteriores desta semana.

**Tabela 3 - Programa Globo Esporte RS 08/11/2017.**

Programa: Globo Esporte RS			
Data: 08 de novembro de 2017, quarta-feira.			
	Boletim	Nota Coberta	Matéria
Participação Feminina	-	3	2
Participação Masculina	2	-	3

Fonte: elaborado pela autora.

Na edição do dia 09 de novembro a participação feminina no programa Globo Esporte ficou novamente representada apenas na figura da apresentadora Alice Bastos Neves, que realizou todas as chamadas para as reportagens e as notas cobertas mostradas no programa.

A primeira matéria apresentada foi feita pelo repórter Leonardo Muller, que deu informações sobre a partida realizada entre o Grêmio e a Ponte Preta, pela Série A do Campeonato Brasileiro, além do desempenho do goleiro gremista Marcelo Grohe. Julio Cesar Santos deu informações na sua reportagem sobre os grandes times do Brasil que foram rebaixados para a Série B do Campeonato Brasileiro, e a quantos jogos do final confirmaram seu acesso à Série A, assim como quantos pontos o time do Internacional precisa para isto. Na terceira matéria apresentada no programa, Renato Peters deu informações sobre a Fórmula 1 e sobre alguns pilotos que já estavam em Interlagos para disputar o GP Brasil. A última reportagem a ir ao ar foi realizada por Tino Marcos, que informou sobre a Seleção Brasileira de Futebol e o amistoso com a Seleção do Japão. O repórter também fez uma retrospectiva dos gols do atacante Neymar pela seleção.

Os boletins apresentados foram feitos pelos jornalistas Alexandre Oliveira, que deu novidades sobre os treinos da Seleção Brasileira na França, Julio Cesar Santos, que informou sobre o Internacional e sua situação na Série B, e Felipe Brisolla que trouxe as notícias do dia sobre a Fórmula 1 de Interlagos, em São Paulo.

Os comentários sobre o time do Grêmio e a tabela de classificação da Série A do Campeonato Brasileiro foram feitos novamente pelo jornalista Mauricio Saraiva. A representação feminina nesta edição do programa ficou apenas limitada à apresentação, não fazendo parte de nenhuma matéria, boletim, ou comentários do programa.

**Tabela 4 - Programa Globo Esporte RS 09/11/2017.**

Programa: Globo Esporte RS			
Data: 09 de novembro de 2017, quinta-feira.			
	Boletim	Nota Coberta	Matéria
Participação Feminina	-	2	-
Participação Masculina	3	-	4

Fonte: elaborado pela autora.

A última edição analisada do Globo Esporte, transmitida no dia 10 de novembro, foi a que apresentou maior participação feminina em diferentes áreas do programa.

Além da apresentação de Alice Bastos Neves, o programa contou com a participação de mais duas jornalistas, Kelly Costa e Muriel Porfiro, realizando um boletim e uma matéria, respectivamente. O boletim apresentado por Kelly Costa deu informações sobre o treino do Internacional durante a manhã da sexta-feira. Já a matéria, realizada por Muriel Porfiro, abordou a torcida do time de Futsal Assoeva, de Venâncio Aires, mostrando a confecção de uma bandeira para apoio da equipe. A matéria apresentada pela jornalista foi a última da edição.

As outras reportagens veiculadas foram feitas pelo jornalista Leonardo Muller, que informou sobre o Grêmio, Julio Cesar Santos, sobre o Internacional durante o boletim da Kelly Costa, Rodrigo Cordeiro, que falou da partida entre as equipes do Juventude e Oeste pela Série B do Campeonato Brasileiro, e Thiago Crespo, que falou sobre as entrevistas concedidas pelos pilotos da Fórmula 1 antes do GP Brasil, no autódromo de Interlagos, em São Paulo.

Os boletins foram realizados pelos repórteres Tino Marcos, sobre o amistoso da Seleção Brasileira contra a Seleção da Inglaterra, e Renato Peters que deu notícias do autódromo de Interlagos sobre a Fórmula 1.

As notas cobertas foram apresentadas por Alice Bastos Neves, abordando a Final da Copa Libertadores da América, os jogos da rodada da Série A do Campeonato Brasileiro, o amistoso entre as seleções Brasileira e Japonesa e a respeito das vagas restantes para a Copa do Mundo de Futebol na Rússia em 2018. A nota ao vivo, também realizada pela apresentadora, informou sobre o adiamento da partida da final da segunda divisão gaúcha de futsal.

De todas as edições analisadas do programa Globo Esporte RS, entre os dias 06 e 10 de novembro de 2017, a última foi a que mais trouxe variações na participação da mulher, com três jornalistas atuando em diferentes áreas, realizando apresentação, reportagem e boletim.

**Tabela 5 - Programa Globo Esporte RS 10/11/2017.**

Programa: Globo Esporte RS				
Data: 10 de novembro de 2017, sexta-feira.				
	Boletim	Nota Coberta	Nota ao Vivo	Matéria
Participação Feminina	1	4	1	1
Participação Masculina	2	-	-	4

Fonte: elaborado pela autora.

### **6.3. Os Donos da Bola RS**

A primeira edição do programa Os Donos da Bola RS, apresentada no dia 06 de novembro, teve uma representatividade feminina praticamente nula. A única participação foi através da narração de uma nota coberta por Rebecca Rosa, sobre os jogos dos times que estão no topo da tabela de classificação da Série A do Campeonato Brasileiro.

A apresentação do programa é feita pelo jornalista Filipe Duarte, que comanda o debate entre os convidados e realiza as chamadas para as matérias e

boletins. Além de também participar e opinar durante o debate, o apresentador realizou uma matéria sobre a partida entre o Grêmio e Flamengo, pela Série A do Campeonato Brasileiro.

O programa consiste, em sua maioria, pelos debates entre os participantes convidados sobre os assuntos pertinentes do dia e matérias que vão ao ar. Ribeiro Neto, jornalista, é um dos convidados fixos, que foi acompanhado nesta edição por Caco da Motta, coordenador de esportes da TV e Rádio Bandeirantes, e Saimon Bianchini, repórter da Bandeirantes. Todos os presentes no estúdio participaram das discussões e emitiram opiniões.

O jornalista Mateus Trindade apresentou um boletim, uma matéria e duas entrevistas. A reportagem apresentada foi sobre o treino do Internacional para a partida contra o Luverdense, pela Série B do Campeonato Brasileiro, o boletim e as entrevistas foram feitas no mesmo lugar, porém entraram em momentos distintos no programa, com dois entrevistados diferentes.

O outro boletim apresentado foi feito pelo jornalista Marcelo Salzano, da Central Band de Esportes, sobre as disputas e possíveis jogos do Mundial de Clubes. Salzano também realizou a interatividade do programa, aparecendo em dois momentos para ler as perguntas dos telespectadores.

**Tabela 6 - Os Donos da Bola RS 06/11/17**

Programa: Os Donos da Bola RS					
Data: 06 de novembro de 2017, segunda-feira.					
	Boletim	Entrevista	Nota Coberta	Matéria	Interatividade
Participação Feminina	-	-	1	-	-
Participação Masculina	2	2	-	2	2

Fonte: elaborado pela autora.

A segunda edição analisada, transmitida no dia 07 de novembro, teve a participação de uma mulher entre os convidados. Duda Luizelli, Gerente de Futebol Feminino do Internacional, participou dos debates, deu suas opiniões sobre os times masculinos da dupla grenal, falou sobre o time feminino de futebol do Internacional,

respondeu perguntas técnicas dos outros convidados, e foi respeitada durante todo o programa, tendo sua opinião valorizada.

Os outros convidados foram Caco da Motta e Ribeiro Neto, que também participaram da edição anterior, do dia 06 de novembro. Um fato interessante a ser destacado foi a pergunta de Caco da Motta para Duda Luizelli, sobre o que ela pensava a respeito da grande quantidade de homens que trabalham com o futebol feminino, e da pouca inserção das mulheres profissionais no futebol masculino.

Os boletins apresentados foram feitos pelo jornalista Bruno Ravazzolli, que deu informações da Central Band de Esportes, sobre a despedida do técnico Luiz Felipe Scolari do time chinês Guangzhou Evergrande, o treino do Grêmio e possível escalação para a partida contra a Ponte Preta, pela Série A do Campeonato Brasileiro, sobre as equipes do Brasil de Pelotas e Juventude, e a respeito do atacante Leandro Damião, que é muito importante na equipe do Internacional. Cada assunto entrou em um momento distinto do programa.

As entrevistas foram feitas pelo repórter Marcelo Salzano, que estava na 63ª Feira do Livro de Porto Alegre, na Praça da Alfândega. As três entrevistas realizadas no local abordaram três torcedores diferentes, mas todos homens, e foram transmitidas ao longo do programa.

A única matéria a ir ao ar nesta edição foi realizada pelo apresentador do programa, Filipe Duarte, dando informações sobre os objetivos do Grêmio na Série A do Campeonato Brasileiro.

Foi apresentado um quadro, chamado “Na Marca do Pênalti”, com a participação de Caco da Motta, que respondeu uma pergunta feita por um telespectador sobre a equipe colorada.

Contudo, apesar de haver uma participação feminina como convidada e profissional de futebol, dando opiniões e atuando nas discussões, esta edição não teve nenhum envolvimento de jornalistas mulheres na realização de entrevistas, boletins ou matérias.

**Tabela 7 - Os Donos da Bola RS 07/11/17**

Programa: Os Donos da Bola RS			
Data: 07 de novembro de 2017, terça-feira.			
	Boletim	Entrevista	Matéria
Participação Feminina	-	-	-
Participação Masculina	5	3	1

Fonte: elaborado pela autora.

O programa Os Donos da Bola RS do dia 08 de novembro teve somente a presença de uma jornalista, Rebecca Rosa, que narrou uma nota coberta sobre os gols da rodada da Série B do Campeonato Brasileiro. Os demais conteúdos apresentados nesta edição foram todos realizados por profissionais do sexo masculino.

Os convidados que fizeram parte do debate foram Daniel Oliveira, jornalista e narrador da Rádio Bandeirantes de Porto Alegre, Ribeiro Neto e Caco da Motta. Sendo que estes dois últimos também estavam presentes nos dois primeiros programas analisados, dos dias 06 e 07 de novembro.

Os boletins apresentados no programa foram feitos pelos jornalistas Mateus Trindade, que deu informações sobre o Grêmio em três momentos distintos, e Bruno Ravazzolli, que, através da Central Band de Esportes, informou sobre a 33ª rodada do Campeonato Brasileiro Série A, além de alguns jogos da Série B. Ravazzolli também fez a Interatividade do programa, lendo perguntas enviadas por telespectadores.

Duas matérias foram ao ar nesta edição, realizada por Saimon Bianchini, sobre os objetivos do Grêmio nesta resta final de campeonato, e pelo apresentador do programa, Filipe Duarte, que informou sobre a situação do Internacional na tabela de classificação da Série B do Campeonato Brasileiro.

Deste modo, a representatividade feminina ficou limitada apenas à narração de Rebecca Rosa, não tendo nenhum outro papel ao decorrer de todos os conteúdos apresentados neste dia.

**Tabela 8 - Os Donos da Bola RS 08/11/17**

Programa: Os Donos da Bola RS				
Data: 08 de novembro de 2017, quarta-feira.				
	Boletim	Interatividade	Nota Coberta	Matérias
Participação Feminina	-	-	1	-
Participação Masculina	6	1	-	2

Fonte: elaborado pela autora.

Na quinta-feira, dia 09 de novembro, a participação feminina do programa Os Donos da Bola RS foi nula. Nenhuma jornalista participou dos conteúdos apresentados, assim como nenhuma mulher foi convidada para fazer parte dos debates.

Os convidados desta edição foram Galatto, ex-goleiro do grêmio que foi decisivo para o acesso da equipe gremista em 2005 à Série A, Ribeiro Neto e Daniel Oliveira, que participaram das edições anteriores.

O único boletim apresentado nesta edição foi feito pelo jornalista Saimon Bianchini, da Central Band de Esportes, sobre a procura de clubes ingleses pelo jogador Arthur Melo, do Grêmio.

As matérias que foram ao ar apresentaram informações sobre a partida entre o Grêmio e a Ponte Preta, pela Série A do Campeonato Brasileiro, e sobre a partida entre as equipes do Internacional e Vila nova, pela Série B do Campeonato Brasileiro. As reportagens foram realizadas por Tiago Prudente e Paulo Pires, respectivamente.

A interatividade do programa foi feita por Saimon Bianchini, da Central Band de Esportes, que apareceu no programa em duas oportunidades com perguntas dos telespectadores para o convidado Galatto.

A nota ao vivo foi feita pelo apresentador Filipe Duarte no final do programa, sobre novidades do treino do Internacional. No quadro “Na Marca do Pênalti”, Daniel Oliveira respondeu perguntas dos telespectadores.

Não houve, portanto, representatividade feminina em toda a edição apresentada neste dia, já que nenhuma mulher realizou qualquer dos conteúdos apresentados no programa.



**Tabela 9 - Os Donos da Bola RS 09/11/17**

Programa: Os Donos da Bola RS				
Data: 09 de novembro de 2017, quinta-feira.				
	Boletim	Nota ao vivo	Interatividade	Matéria
Participação Feminina	-	-	-	-
Participação Masculina	1	1	2	2

Fonte: elaborado pela autora.

A última edição do programa Os Donos da Bola RS, veiculada no dia 10 de novembro também não teve representatividade feminina. Além dos convidados do programa, os boletins e a matéria que foram ao ar foram todos feitos por homens. Os convidados que participaram dos debates nesta edição foram Caco da Motta, Ribeiro Neto e Daniel Oliveira.

Filipe Duarte, apresentador do programa, foi quem realizou a única reportagem apresentada, sobre os objetivos do Grêmio no Campeonato Brasileiro Série A e na final Libertadores da América.

Saimon Bianchini, da Central Band de Esportes, fez os boletins que informaram sobre os resultados das outras partidas da Série B do Campeonato Brasileiro que favoreciam a equipe do Internacional, sobre as novidades do treino gremista realizado na manhã do dia 10 de novembro, e também informou sobre a disponibilidade dos ingressos para os torcedores gremistas na final da Libertadores.

Mateus Trindade apresentou os outros dois boletins veiculados sobre o Internacional, dando informações sobre a equipe antes da coletiva de imprensa. O programa transmitiu ao vivo durante um período a coletiva concedida pelo então técnico do Internacional, Guto Ferreira.

O final do programa teve a participação do técnico Fabiano Boxer, conceituado nas artes marciais mistas no Brasil, para falar sobre o MMA Experience do dia 19 de novembro, na Arena do Grêmio.

**Tabela 10 - Os Donos da Bola 10/11/17**

Programa: Os Donos da Bola RS		
Data: 10 de novembro de 2017, sexta-feira.		
	Boletim	Matéria
Participação Feminina	-	-
Participação Masculina	5	1

Fonte: elaborado pela autora.

#### **6.4. SBT Esporte**

No programa do dia 06 de novembro a presença feminina no SBT Esporte fica representada apenas na figura da apresentadora Débora de Oliveira. A jornalista divide a apresentação do programa com Ricardo Vidarte, no entanto, apenas ela realiza as chamadas para as imagens e matérias que são apresentadas, enquanto Vidarte faz os comentários.

Porém, os apresentadores conversam durante o programa de modo descontraído sobre os jogos e novidades do final de semana.

A única matéria realizada foi feita por um torcedor no quadro “Arquibancada Grenal”, onde o colorado Marcinho Black fez vídeos e entrevistas no estádio Beira-Rio durante o jogo entre o Internacional e CRB, pela série B do Campeonato Brasileiro.

Esta edição do programa recebeu Beto da Silva, jogador do Grêmio, como convidado. Durante todo o programa, os apresentadores fizeram perguntas aleatoriamente, sempre de modo espontâneo, sem predominância de perguntas de um dos apresentadores. A única diferença percebida nas perguntas feitas ao entrevistado foi em relação ao conteúdo. Ricardo Vidarte, em sua maioria, fez perguntas mais técnicas sobre os jogos e carreira do atleta, enquanto Débora de Oliveira perguntou da vida pessoal do atleta, como a adaptação dele e da família, e assuntos gerais, que não demandam conhecimento específico sobre esportes, apenas jornalístico sobre entrevistas.

Houve um momento, no final do programa, que a jornalista lançou um desafio ao entrevistado e ao outro apresentador, que foi narrar um gol do convidado do dia. Os dois fizeram a narração de brincadeira enquanto Débora de Oliveira só elegeu o melhor, escolhendo o convidado Beto da Silva.

**Tabela 11 - SBT Esporte 06/11/17**

Programa: SBT Esporte				
Data: 06 de novembro de 2017, segunda-feira.				
	Chamada	Nota ao vivo	Entrevista ao vivo	Matérias
Participação Feminina	2	1	1	-
Participação Masculina	-	0	1	1

Fonte: elaborado pela autora.

A edição do dia 07 de novembro do SBT Esporte foi mais curta, tendo apenas cerca de 10 minutos de duração. Entretanto, a participação da apresentadora Débora de Oliveira foi mais qualificada.

A única matéria que foi ao ar foi apresentada pelo repórter Rodrigo Morel, que realizou um boletim e algumas entrevistas com torcedores colorados sobre o momento do clube e sobre o técnico Guto Ferreira.

Débora de Oliveira foi a mais significativa do programa, realizando as chamadas, nota coberta e entrevista ao vivo com Roberto Siegmann, Conselheiro de Futebol do Internacional e convidado desta edição.

Durante a entrevista, Débora de Oliveira fez alguns questionamentos, leu perguntas de internautas e ainda opinou sobre as falas do convidado, inclusive discordando sobre uma fala a respeito do título do Campeonato Gaúcho deste ano. A participação de Ricardo Vidarte nesta edição foi irrelevante, uma vez que ele só fez alguns comentários superficiais a respeito do que Roberto Siegmann declarava.

Sendo assim, mesmo limitada à apresentação, a representação feminina nesta edição do programa foi mais qualificada, pois a jornalista teve significativo papel durante a entrevista, inclusive emitindo opiniões e falando sobre as possibilidades do Internacional ao acesso a Série A no próximo ano.

Tabela 12 - SBT Esporte 07/11/17

Programa: SBT Esporte				
Data: 07 de novembro de 2017, terça-feira.				
	Chamada	Nota coberta	Entrevista ao vivo	Matérias
Participação Feminina	2	1	1	-
Participação Masculina	-	-	-	1

Fonte: elaborado pela autora.

O SBT Esporte do dia 08 de novembro teve um menor conteúdo apresentado em relação as outras edições analisadas. A representação feminina no programa ficou apenas na figura da apresentadora Débora de Oliveira.

No entanto, um dos vídeos apresentados no programa foi sobre Isabelly Moraes, que marcou história no rádio sendo a primeira mulher a narrar uma partida da Série B do Campeonato Brasileiro, transmitindo o jogo entre os times América MG e ABC, pela Rádio Inconfidência de Belo Horizonte.

A única matéria apresentada no programa foi realizada pelo repórter Rodrigo Morel, sobre o jogador reserva do Grêmio Everton, que vem se destacando nas últimas partidas e busca espaço no time titular.

Os comentários sobre os vídeos e reportagens apresentadas foram feitas por ambos os apresentadores, Débora de Oliveira e Ricardo Vidarte, que deram opiniões de forma qualificada, sem diferença entre os dois jornalistas.

Apesar de não haver matérias apresentadas por repórteres mulheres no programa, a participação feminina foi distinta, fazendo comentários relevantes e opinativos, não apenas lendo scripts prontos.

**Tabela 13 - SBT Esporte 08/11/17**

Programa: SBT Esporte			
Data: 08 de novembro de 2017, quinta-feira.			
	Chamada	Comentários	Matérias
Participação Feminina	3	2	-
Participação Masculina	-	2	1

Fonte: elaborado pela autora.

A última edição analisada do programa SBT Esporte apresentada no dia 10 de novembro manteve o padrão da representação feminina apenas na figura da apresentadora, que realiza todas as chamadas e também alguns comentários, emitindo opiniões.

A única matéria que foi ao ar foi realizada pelo repórter Rodrigo Morel, e dava informações sobre a pontuação necessária para o time do Internacional garantir o acesso à Série A do Campeonato Brasileiro.

Nesta edição, foi apresentado um quadro chamado "Mata ou Morre", onde um telespectador que ligar para o programa deve responder uma pergunta feita pelo apresentador Ricardo Vidarte. Nesta edição, uma mulher da cidade de Nova Santa Rita, região metropolitana de Porto Alegre, participou do quadro respondendo a pergunta feita pelo jornalista de forma correta e ganhando um ingresso para assistir a partida entre o Internacional e Vila Nova, pela Série B do Campeonato Brasileiro.

**Tabela 14 - SBT Esporte 10/11/17**

Programa: SBT Esporte				
Data: 10 de novembro de 2017, sexta-feira.				
	Chamada	Nota ao vivo	Comentários	Matérias
Participação Feminina	4	-	2	-
Participação Masculina	-	2	3	1

Fonte: elaborado pela autora.

### 6.5. Balanço na Rede

O programa Balanço na Rede é um quadro inserido no Balanço Geral RS que tem apenas cinco minutos de duração, portanto, não apresenta muita variação de conteúdo.

Todavia, a representatividade feminina em relação às reportagens é maior em relação aos outros programas analisados. As duas matérias apresentadas no programa foram realizadas pela repórter Yasmine Santos, que informou sobre os jogos entre Grêmio e Flamengo, e Internacional e CRB, que ocorreram no final de semana. A repórter apresentou as informações na Arena, estádio do Grêmio, e no Beira-Rio, do Internacional, onde foram realizadas as partidas.

A apresentação do programa é feita pelo jornalista Fernando Moretti Gross, que faz as chamadas e os comentários das reportagens.

**Tabela 15 - Balanço na Rede 06/11/17**

Programa: Balanço na Rede	
Data: 06 de novembro de 2017, segunda-feira.	
	Matérias
Participação Feminina	2
Participação Masculina	-

Fonte: elaborado pela autora.

A segunda edição analisada do Balanço na Rede, transmitida no dia 07 de novembro, teve mais conteúdo transmitido. O apresentador realizou todas as chamadas para as notas cobertas e matérias, além de comentar cada uma delas após sua exibição, e realizar algumas notas ao vivo.

Desta vez, a participação feminina foi dividida entre duas notas cobertas e uma matéria. As notas cobertas foram narradas pelas jornalistas Yasmine Santos e Vanessa Pires, que informaram sobre a partida entre o Internacional e Luverdense, ocorrida na noite do dia 06 de novembro pela Série B do Campeonato Brasileiro, e o treino do grêmio, respectivamente.

A única matéria apresentada nesta edição do programa foi realizada por Heloisa Villela, sobre o julgamento do ex-presidente da Confederação Brasileira de Futebol, José Maria Marín. Na matéria, a repórter realizou o boletim em Nova Iorque, onde estava sendo feito o julgamento.

Novamente, a representatividade feminina contemplou 100% das matérias apresentadas no programa, incluindo as notas cobertas. Ficou a cargo de o apresentador realizar as chamadas e comentários sobre as produções mostradas.

**Tabela 16 - Balanço na Rede 07/11/17**

Programa: Balanço na Rede		
Data: 07 de novembro de 2017, terça-feira.		
	Nota Coberta	Matérias
Participação Feminina	2	1
Participação Masculina	-	-

Fonte: elaborado pela autora.

O programa Balanço na Rede do dia 08 de novembro não apresentou nenhuma matéria, no entanto, as duas únicas notas cobertas que foram ao ar tinham a narração de Vanessa Pires.

As notas apresentadas foram sobre a partida entre o Grêmio e Ponte Preta, pela Série A do Campeonato Brasileiro, e um compilado sobre a rodada da Série B do Campeonato Brasileiro.

Os comentários, chamadas e notas ao vivo foram todas feitas pelo apresentador, Fernando Moretti Gross.

**Tabela 17 - Balanço na Rede 08/11/17**

Programa: Balanço na Rede	
Data: 08 de novembro de 2017, quarta-feira.	
	Nota Coberta
Participação Feminina	2
Participação Masculina	-

Fonte: elaborado pela autora.

Na edição do dia 09 de novembro, o programa Balanço na rede apresentou duas notas cobertas e uma matéria, todas feitas por mulheres.

As notas cobertas apresentadas foram sobre a partida entre Grêmio e Ponte Preta, pela Série A do Campeonato Brasileiro, e o resumo de algumas partidas da rodada, também da Série A. Ambas narrações foram realizadas por Vanessa Pires.

A única matéria apresentada no programa foi feita pela jornalista Yasmine Santos, que deu informações sobre o próximo jogo do Internacional contra o Vila Nova, pela Série B do Campeonato Brasileiro.

As chamadas, notas ao vivo e comentários novamente foram feitos pelo apresentador do programa, Fernando Moretti Gross.

**Tabela 18 - Balanço na Rede 09/11/17**

Programa: Balanço na Rede		
Data: 09 de novembro de 2017, quinta-feira.		
	Nota Coberta	Matérias
Participação Feminina	2	1
Participação Masculina	-	-

Fonte: elaborado pela autora.

A quinta e última edição analisada do Balanço na Rede foi do dia 10 de novembro. A apresentação novamente foi feita pelo jornalista Fernando Moretti Gross, realizando as chamadas, notas ao vivo e comentários.



Nesta edição, três notas cobertas foram ao ar, todas narradas por Vanessa Pires. As notas cobertas informaram sobre os jogos da dupla grenal no final de semana, além dos jogos da rodada da Série A do Campeonato Brasileiro.

**Tabela 19 - Balanço na Rede 10/11/17**

Programa: Balanço na Rede	
Data: 10 de novembro de 2017, sexta-feira.	
	Nota coberta
Participação Feminina	3
Participação Masculina	-

Fonte: elaborado pela autora.

#### **6.6. O espaço ocupado pelas mulheres nos programas esportivos televisivos do Rio Grande do Sul**

Durante os 19 programas analisados, nas quatro emissoras, foram apresentadas 35 matérias. Destas, 28 foram realizadas por jornalistas homens, e 7 por repórteres mulheres. Representando 80% de participação masculina e 20% feminina neste aspecto.

Dos programas observados, o Globo Esporte RS foi o que apresentou mais reportagens, 19 no total, sendo 16 feitas por homens e 3 por mulheres. Sendo assim, a representação feminina no programa, no que tange às matérias, foi de 15,8%. Os Donos da Bola RS foi o segundo programa com maior número de matérias, totalizando 8. No entanto, nenhuma destas foi feita por uma mulher. Tanto o SBT Esporte como o Balanço na Rede veicularam um total de 4 matérias neste período. Entretanto, no primeiro a representatividade foi totalmente masculina e, no último, 100% feminina.

**Tabela 20 - Matérias**

<b>Matérias</b>	Geral	Globo Esporte RS	Os Donos da Bola RS	SBT Esporte	Balanço na Rede
Participação Feminina	7	3	-	-	4
Participação Masculina	28	16	8	4	-

Fonte: elaborado pela autora.

Neste período foi observada a veiculação de 33 boletins. Destes, apenas um dos apresentados foi feito por uma repórter mulher, que foi a Kelly Costa no Globo Esporte RS, representando 3,1% de representatividade feminina em todos os boletins apresentados.

**Tabela 21 - Boletins**

<b>Boletins</b>	Geral	Globo Esporte RS	Os Donos da Bola RS	SBT Esporte	Balanço na Rede
Participação Feminina	1	1	-	-	-
Participação Masculina	32	12	19	-	-

Fonte: elaborado pela autora.

Das entrevistas realizadas nestes programas, 7 foram feitas por homens e 2 por mulheres, representando 77,7% e 22,3%, respectivamente, do total. Contudo, a participação feminina ficou limitada apenas na figura da apresentadora Débora de Oliveira, no programa SBT Esporte, que realizou as entrevistas ao vivo com os convidados no estúdio, em conjunto com o outro apresentador, Ricardo Vidarte.

**Tabela 22 - Entrevistas**

<b>Entrevistas</b>	Geral	Globo Esporte RS	Os Donos da Bola RS	SBT Esporte	Balanço na Rede
Participação Feminina	2	-	-	2	-
Participação Masculina	7	1	5	1	-

Fonte: elaborado pela autora.

É importante destacar que a função que mais teve representação feminina foi na realização das notas cobertas. Das 30 apresentadas em todos os programas, 28 foram realizadas por mulheres, ou 93,3%, e apenas 2 por homens, sendo 6,6%.

**Tabela 23 - Notas Cobertas**

<b>Notas Cobertas</b>	Geral	Globo Esporte RS	Os Donos da Bola RS	SBT Esporte	Balanço na Rede
Participação Feminina	28	16	2	1	9
Participação Masculina	2	2	-	-	-

Fonte: elaborado pela autora.

No que diz respeito à apresentação, a divisão ficou em 40% feminina, e 60% masculina. Sendo que, no SBT Esporte, Débora de Oliveira divide o posto com Ricardo Vidarte, entretanto, quem comandou o programa e realizou todas as chamadas neste período foi a Débora de Oliveira. É interessante salientar que todos os apresentadores homens, que são o Fernando Moretti Gross do Balanço na Rede e o Filipe Duarte do Os Donos da Bola RS, emitiram opiniões além de só fazer o papel de apresentar. Enquanto que as mulheres, principalmente Alice Bastos Neves no Globo Esporte RS, não opinam. Apenas Débora de Oliveira, em uma escala muito menor, opinou durante os diálogos com Ricardo Vidarte, e nas entrevistas feitas ao vivo.

**Tabela 24 - Apresentação**

<b>Apresentação</b>	<b>Geral</b>	<b>Globo Esporte RS</b>	<b>Os Donos da Bola RS</b>	<b>SBT Esporte</b>	<b>Balanço na Rede</b>
Participação Feminina	2	1	-	1	-
Participação Masculina	3	-	1	1	1

Fonte: elaborado pela autora.

Como comentaristas, apenas Mauricio Saraiva, do Globo Esporte RS, e Ribeiro Neto, do Os Donos da Bola RS, participaram nas edições analisadas. Anulando portanto, neste quesito, a representação feminina.

Dos programas apresentados, o que mais teve participação feminina no geral foi o Globo Esporte RS, que contou com a presença de 3 das 7 mulheres que constaram na análise. O Globo Esporte teve a apresentação diária de Alice Bastos Neves, 3 matérias, realizadas por Kelly Costa e Muriel Porfiro, representando 15,8% do total de matérias veiculadas no programa, e 1 boletim, feito por Kelly Costa, representando 7,7% de todos apresentados.

Em relação as reportagens, o programa que mais teve representatividade feminina foi o Balanço na Rede, onde todas as matérias apresentadas foram feitas por Yasmine Santos.

Em contrapartida, o programa com menor representação feminina no geral foi Os Donos da Bola RS, que, de todos os conteúdos apresentados, apenas 2 notas cobertas foram narradas por uma mulher, Rebecca Rosa.

Das 7 jornalistas esportivas gaúchas que tiveram participações nos programas analisados, 2 realizaram apresentação, 3 apresentaram reportagens, e 2 fizeram a narração de notas cobertas. As apresentadoras foram a Alice Bastos Neves e Débora de Oliveira, do Globo Esporte RS e SBT Esporte, respectivamente. Das repórteres, Kelly Costa e Muriel Porfiro do Globo Esporte RS, e Yasmine Santos para o Balanço na Rede. As narradoras foram Vanessa Pires, para o Balanço na Rede, e Rebecca Rosa, para Os Donos da Bola RS.

Portanto, a participação feminina nos programas esportivos televisivos do Rio Grande do Sul se dividiu em 28,5% na apresentação e narração, e 42,8% na reportagem.

**Tabela 25 - Participação Feminina**

<b>Participação Feminina</b>	Apresentação	Matéria	Nota Coberta
Jornalistas	2	3	2

Fonte: elaborado pela autora.

Segundo Berndt, a audiência do Globo Esporte RS é composta em sua maioria por mulheres, totalizando 60% em maio de 2015. O SBT Esporte também possui a maior parcela de audiência feminina, representando 51% do número de telespectadores do programa, em março de 2015. Já Os Donos da Bola RS, veiculado pela TV Bandeirantes, é acompanhado apenas por 25,5% do público feminino (BERNDT, 2015, p.44, 45).

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise de todos os programas veiculados pelas emissoras selecionadas no período entre os dias 06 e 10 de novembro de 2017, é possível notar com evidência a disparidade entre os homens e mulheres no que diz respeito ao jornalismo esportivo de televisão. Foi possível observar que a representatividade feminina foi menor que a masculina na grande maioria dos programas examinados, tendo um número muito inferior de matérias apresentadas, bem como de entrevistas e boletins. Na função de comentarista, esta representatividade foi nula. O espaço em que se encontra a mulher no jornalismo esportivo televisivo do Rio Grande do Sul é basicamente na apresentação e na realização de notas cobertas. A análise refletiu deste modo, as afirmações trazidas pelos autores estudados.

A aparição das jornalistas nos programas, limitada, em grande parte, à apresentação e à narração de notas cobertas, ao mesmo tempo em que nenhuma mulher aparece com a função de comentarista, apenas Débora de Oliveira que, enquanto apresentou o programa SBT Esporte e dialogou com Ricardo Vidarte, emitiu algumas opiniões, afirma as declarações trazidas por Alexandrino (2011). Na esmagadora maioria das vezes, as profissionais estão condicionadas à leitura de roteiros prontos, na apresentação e narração, não tendo uma participação qualificada, nem dando opiniões.

Em relação às matérias apresentadas, se verificam as declarações feitas por Coelho (2003), sobre o estigma das mulheres não entenderem sobre esportes, e por isso serem encaminhasdas à cobertura de esportes amadores. Das três matérias apresentadas por mulheres no programa Globo Esporte RS, nenhuma foi sobre futebol. A primeira matéria apresentada foi sobre as premiações ocorridas em Londres das melhores coberturas esportivas dos Jogos Olímpicos realizados no Rio de Janeiro em 2016, a segunda foi sobre uma partida que seria disputada por um time masculino de vôlei da cidade de Canoas, e a última sobre a torcida que realizava a confecção de uma bandeira para o time de futsal Assoeva.

O restante das matérias realizadas por mulheres ocorreram no programa Balanço na Rede, que só possui na equipe a repórter Yasmine Santos. As reportagens apresentadas por Yasmine foram somente sobre os resultados dos jogos do Internacional e do Grêmio, além de uma em que informava sobre o próximo jogo que seria disputado pela equipe do Internacional. O programa também teve a

participação da jornalista Heloísa Villela, correspondente internacional de Nova Iorque pela Record TV, que apresentou uma matéria sobre o julgamento do ex-presidente da Confederação Brasileira de Futebol.

A análise também reitera a alegação de Righi (2006), em que a jornalista esportiva não está incluída de maneira qualificada, exercendo funções onde é necessário demonstrar um maior conhecimento sobre o esporte. Reforça ainda, que a participação da mulher ocorre principalmente devido à sua beleza, aparecendo de forma impecável no vídeo e saciando as paixões masculinas, que, conforme afirma Righi (2011), são a mulher e o futebol.

Através desta pesquisa, também foi possível certificar as informações trazidas por Freitas (2003), de que o trabalho feminino no esporte é menos valorizado, já que é possível reparar, sem muito esforço, a quantidade ínfima de redatoras, locutoras ou comentaristas, deixando claro que a mídia esportiva ainda pertence ao mundo dos homens. Entretanto, como pudemos constatar, recentemente algumas mulheres fizeram história ao integrar uma equipe de locutoras de uma partida da elite do futebol, mostrando que, aos poucos, estão se inserindo em ocupações cada vez mais diversificadas.

Por meio das entrevistas realizadas, também pude atestar as teorias estudadas, tendo conhecimento sobre a vivência e sentimentos de três profissionais que atualmente trabalham no jornalismo esportivo em três dos quatro programas analisados neste trabalho. Quetelin Rodrigues afirmou que a presença da mulher no vídeo ainda é muito superficial, entretanto, nos bastidores, as mulheres estão tomando cada vez mais lugares. Como é o exemplo da atual equipe do Globo Esporte RS, que hoje conta com 6 mulheres na sua composição, pela primeira vez na história. Yasmine Santos destacou toda a dificuldade de ser mulher no jornalismo, inclusive sobre a grande competição masculina existente, onde os mesmos se sentem ameaçados pela presença das mulheres, ou, de certa forma, incomodados com a inserção cada vez maior das mesmas. Rebecca Rosa destacou a importância da ocupação destes espaços, e principalmente a esperança de que as mulheres um dia chegarão a um patamar de igualdade, ao menos nesta editoria.

Ainda há diferença entre os gêneros no esporte, e diversas ações necessitam ser feitas para que essa disparidade chegue o mais próximo possível de ser anulada. Quanto maior e mais qualificada for a participação das mulheres em coberturas jornalísticas, de modo a não apenas informar, mas incluir sua opinião

fundamentada nos relatos, mais essa desigualdade entre os gêneros será diminuída, e o respeito à opinião e presença feminina no meio esportivo será adquirido.

O Fórum Econômico Mundial, ao publicar o Global Gender Gap Record este ano, destacou que a paridade de gênero é fundamental para a prosperidade da sociedade. Temos conhecimento de que as relações sociais e de gênero sempre serão conflituosas. Novos conceitos, formas de pensar e de agir, valores e morais vão surgindo ao longo do tempo. É extremamente necessário que os homens e mulheres, através de suas experiências, construam novos valores e formas de se relacionar em todas as áreas sociais, conforme destaca Araújo (2005). Por isso, a luta das mulheres para o exercício da profissão de jornalista esportiva de forma qualificada é fundamental, de modo a garantir uma maior competência do jornalismo esportivo em geral, assim como a concepção de novos valores de isonomia para a sociedade.

Portanto, a televisão, e quaisquer meio de comunicação que interfira nas relações sociais, devem, a todo o momento, observar os padrões de comportamento refletidos, bem como o impacto que reproduz nestas relações, com o intuito de auxiliar na construção de novos valores que respeitem e qualifiquem a equidade de gêneros, seja intensificando ou amenizando valores já pré-concebidos na sociedade. Para que, de uma vez por todas, essas divergências sejam anuladas.



## REFERÊNCIAS

ALEXANDRINO, Viviane Aparecida. **A Mulher no Jornalismo Esportivo**: análise da participação feminina no telejornalismo brasileiro. 2011. 68f. Trabalho de conclusão (Graduação em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo)- Faculdade Cristo Rei, Cornélio Procópio, 2011.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo?** 8. ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1991.

ARAÚJO, Maria de Fátima. **Diferença e Igualdade nas Relações de Gênero**: Revisitando o debate. *Psicol. clin.*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 41-52, 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652005000200004&lng=en&nrm=isso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652005000200004&lng=en&nrm=isso)

BAYLÃO, André Luís da Silva; SCHETTINO, Elisa Mara Oliveira. **A Inserção da Mulher no Mercado de Trabalho Brasileiro**. In: SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA, 2014, Minas Gerais. Anais... Minas Gerais: [s.n.], 2014. Disponível em: <http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos14/20320175.pdf>

BERNDT, Evelyn. **Audiência Feminina do Globo Esporte RS**: com o que elas se identificam? 2015. 83f. Trabalho de conclusão (Graduação em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo)- Comunicação Social, Universidade Feevale, Novo Hamburgo, 2015.

BOAS, Sergio Vilas (org.). **Formação e informação esportiva**: jornalismo para iniciados e leigos. São Paulo: Summus, 2005.

CASHMORE, Ellis. **...e a televisão se fez!**. Trad. Sonia Augusto. São Paulo: Summus, 1998. (Novas buscas em comunicação).

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo esportivo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. (Coleção Comunicação)

CRIADO, Alex. **Repórteres Pioneiras**: resgate da trajetória de três jornalistas através da História Oral. 2000. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação)- Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

CRUZ, Sabrina Uzêda. **A representação da mulher na mídia: um olhar feminista sobre as propagandas de cerveja**. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 2008, Salvador. Anais... Salvador: [s.n.], 2008. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14477.pdf>

FARIAS, Cláudia Maria de. **Conquista da cidadania pela mulher no espaço esportivo brasileiro: esboço histórico**. *Revista Transdisciplinar Logos e Veritas*, Vol. 01, nº 02, 2014, pp. 25-32. Disponível em: <http://revistalogoseveritas.inf.br/lev/wp-content/uploads/2014/03/Vol-01-no->

02\_03\_Conquista-da-cidadania-pela-mulher-no-espaco-esportivo-brasileiro\_esboco-historico.pdf

HERÓDOTO, Barbeiro; RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de Jornalismo**. São Paulo: Editora Edusp, 2002.

MATOS, Caroline. **Mulheres jornalistas no Telejornalismo: a cidadania das que constroem cidadania**. 2012. 91f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo e Cidadania)- Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MEMÓRIA GLOBO. Disponível em <http://www.memoriaglobo.globo.com>. Acesso em: 17 de novembro 2017.

NARDELLI, Elizabeth; SANT'ANNA, Francisco. **Mulher e Imprensa na América Latina**. Brasília, Sindicato dos Jornalistas do Distrito Federal, UNESCO, 2002.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa (Org.) **A vida com a TV – O poder da televisão no cotidiano**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2002.

PINTO, Céli. **Feminismo, História e Poder**. Revista de Sociologia e Política, Curitiba, V.18, No 36. 2010.

RAMOS, Ana Paula. **Elas comandam o jornalismo esportivo**. 2003. Disponível em: <http://www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/PortalAntigo/canalant/midia/vintedicoes/decdedicao/midia3.htm>. Acesso em: 05 de maio de 2017.

RIBEIRO, André. **Os Donos do Espetáculo: histórias da imprensa esportiva do Brasil**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

RIGHI, Anelise Farenzena. **As Donas da Bola – Inserção e Atuação das Mulheres no Jornalismo Esportivo Televisivo**. 2006. 84f. Trabalho de conclusão (Graduação em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo)- Área de Artes, Letras e Comunicação, Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, 2006.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. In: Educação e realidade. Porto Alegre, 16 (2): 5-22, jul/dez, 1990.

SIMÕES, Antônio Carlos (org.) **O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero e desempenho**. São Paulo: Editora Aleph, 2004.

SOARES, César. **As Mulheres no Jornalismo Esportivo no Rio Grande do Sul**. UCPEL, 2009.

SOUZA, Ana Fernanda Campos de. **Mulheres jornalistas: percursos e percalços**. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 5., 2009, Bahia. Anais... Bahia: Faculdade de Comunicação, 2009. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19152.pdf>

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Editora Summus, 2004.

XAVIER, Ricardo. **Almanaque da TV: 50 anos de memória e informação**. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2000. 284 p.

Balanço na Rede. Apresentado por Fernando Moretti Gross. Porto Alegre: Record RS, 06 nov. 2017.

Balanço na Rede. Apresentado por Fernando Moretti Gross. Porto Alegre: Record RS, 07 nov. 2017.

Balanço na Rede. Apresentado por Fernando Moretti Gross. Porto Alegre: Record RS, 08 nov. 2017.

Balanço na Rede. Apresentado por Fernando Moretti Gross. Porto Alegre: Record RS, 09 nov. 2017.

Balanço na Rede. Apresentado por Fernando Moretti Gross. Porto Alegre: Record RS, 10 nov. 2017.

Globo Esporte RS. Apresentado por Alice Bastos Neves. Porto Alegre: Rede Brasil Sul de Televisão, 06 nov. 2017.

Globo Esporte RS. Apresentado por Alice Bastos Neves. Porto Alegre: Rede Brasil Sul de Televisão, 07 nov. 2017.

Globo Esporte RS. Apresentado por Alice Bastos Neves. Porto Alegre: Rede Brasil Sul de Televisão, 08 nov. 2017.

Globo Esporte RS. Apresentado por Alice Bastos Neves. Porto Alegre: Rede Brasil Sul de Televisão, 09 nov. 2017.

Globo Esporte RS. Apresentado por Alice Bastos Neves. Porto Alegre: Rede Brasil Sul de Televisão, 10 nov. 2017.

Os Donos da Bola RS. Apresentado por Filipe Duarte. Porto Alegre: Band RS, 06 nov. 2017.

Os Donos da Bola RS. Apresentado por Filipe Duarte. Porto Alegre: Band RS, 07 nov. 2017.

Os Donos da Bola RS. Apresentado por Filipe Duarte. Porto Alegre: Band RS, 08 nov. 2017.

Os Donos da Bola RS. Apresentado por Filipe Duarte. Porto Alegre: Band RS, 09 nov. 2017.

Os Donos da Bola RS. Apresentado por Filipe Duarte. Porto Alegre: Band RS, 10 nov. 2017.

SBT Esporte. Apresentado por Débora de Oliveira e Ribeiro Neto. Porto Alegre: Sistema Brasileiro de Televisão RS, 06 nov. 2017.

SBT Esporte. Apresentado por Débora de Oliveira e Ribeiro Neto. Porto Alegre: Sistema Brasileiro de Televisão RS, 07 nov. 2017.

SBT Esporte. Apresentado por Débora de Oliveira e Ribeiro Neto. Porto Alegre: Sistema Brasileiro de Televisão RS, 08 nov. 2017.

SBT Esporte. Apresentado por Débora de Oliveira e Ribeiro Neto. Porto Alegre: Sistema Brasileiro de Televisão RS, 10 nov. 2017.